



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
CURSO: JORNALISMO**

**EDUARDA VITÓRIA MORAES DE SOUZA
NESTOR TEIXEIRA DO NASCIMENTO JUNIOR
TIAGO GOMES DE SOUZA**

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL:

**A SOCIEDADE DO CONTROLE NO ENFOQUE DO JORNALISMO
INVESTIGATIVO**

**Manaus
2020**

EDUARDA VITÓRIA MORAES DE SOUZA - 397886
NESTOR TEIXEIRA DO NASCIMENTO JUNIOR - 342350
TIAGO GOMES DE SOUZA - 420903

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL:

**A SOCIEDADE DO CONTROLE NO ENFOQUE DO JORNALISMO
INVESTIGATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
CEUNI-FAMETRO, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Msc. Leila Ronize Moraes de Souza.

Manaus
2020

EDUARDA VITÓRIA MORAES DE SOUZA - 397886
NESTOR TEIXEIRA DO NASCIMENTO JUNIOR - 342350
TIAGO GOMES DE SOUZA - 420903

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL:

**A SOCIEDADE DO CONTROLE NO ENFOQUE DO JORNALISMO
INVESTIGATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
CEUNI-FAMETRO, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Msc. Leila Ronize Moraes de Souza.

Manaus, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Msc. Leila Ronize Moraes de Souza (orientadora)
Centro Universitário Fametro

Professor Msc. Hélder Ronan de Souza Mourão
Centro Universitário Fametro

Professora Msc. Liege Socorro Albuquerque Peres
Centro Universitário Fametro

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

SOUZA, Eduarda Vitória Moraes de; JUNIOR, Nestor Teixeira Nascimento; SOUZA, Tiago Gomes de.

A influência das mídias sociais no relacionamento interpessoal: A sociedade do controle no enfoque do jornalismo investigativo. Eduarda Vitória Moraes de Souza; Nestor Teixeira Nascimento Junior; Tiago Gomes de Souza, 2020.

Orientadora: Msc. Leila Ronize Moraes de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Centro Universitário FAMETRO, Curso de Jornalismo, 2020.

DEDICATÓRIA

EDUARDA VITÓRIA MORAES DE SOUZA

Dedico este trabalho a todos os entrevistados, que puderam fazer com que ele fosse possível. E, ainda, serviram como um instrumento para a sociedade entender as causas e efeitos que as redes sociais podem ter na vida de cada um. Também aos meus pais (Roneide e Wanderlan) que são minhas inspirações diárias, ao meu irmão (Armando) e as pessoas que acreditaram em mim e com todo amor me incentivaram a chegar até aqui (Aline, Carla e Caio).

NESTOR TEIXEIRA DO NASCIMENTO JUNIOR

Dedico este artigo à todas as pessoas que nos ajudaram no desenvolvimento de toda a produção, desde os entrevistados até as pessoas que colaboraram com cada detalhe, cada favor, cada força que nos levou ao sucesso que é a conclusão dele. E também aos meus amigos que me apoiaram (Edilma, João, Bea, Vinícius, Adryelle), ao meu namorado (Rafael Almeida) e a minha mãe (Maria José) que me ajudou bastante a estudar esse curso que hoje me orgulho muito de fazer parte.

TIAGO GOMES DE SOUZA

Dedico este TCC para todas as pessoas que se sentiram deslocadas ou até mesmo, excluídas do seu círculo social por conta das redes sociais, pois, já estive em suas peles e o sentimento é péssimo. Também a minha mãe, Celira Gomes de Souza que nunca desistiu de mim, mesmo estando sentindo várias emoções em relação a este trabalho e principalmente, aos entrevistados que contaram as suas experiências e mostraram as suas diferentes lições, além dos meus amigos, que me incentivaram e me ajudaram no possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaríamos de agradecer a todos os professores do curso de jornalismo da FAMETRO, por todo o conhecimento e dedicação compartilhado com cada um de nós. Em especial a professora Leila Ronize, que foi nossa orientadora, por toda a paciência e papel de destaque na ajuda da formação deste TCC.

Além disso, os devidos agradecimentos a todos os entrevistados que puderam ceder um tempo de sua agenda para falar um pouco sobre o nosso tema e aos professores que nos ajudaram com materiais para o pré-projeto: Helder Mourão e Joaquina Oliveira.

E por fim, agradecer ao nosso coordenador, professor Gustavo Soranz por todo esse tempo ajudar todos os alunos em especial, os alunos de 2017 que iniciaram e esse ano estão concluindo a jornada que foi estudar jornalismo na FAMETRO.

EPÍGRAFE

“Muitas vezes, o debate sobre cultura do cancelamento é colocado quando, na verdade, se pede maior pluralidade. Muitas vezes, o que se chama de cultura do cancelamento é um pedido de mais vozes serem escutadas no espaço público” – Thiago Amparo, Advogado e professor de Direitos Humanos na FGV-SP, 2020.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão do Curso têm a proposta de discutir sobre a chamada “era do cancelamento” e sobre o seu uso nas redes sociais. Abordaremos como esta temática possui contexto histórico e sócio-cultural, além de analisar como ocorreu a transformação do termo em vista da internet e das redes sociais. Os diversos autores que usaremos serão para dar uma maior veracidade aos fatos, principalmente quando estamos relacionando o termo a outro assunto bastante conhecido, que são as *fake news*, e sobre como a “cultura do cancelamento” é uma das formas encontradas para excluir ou ignorar uma pessoa do seu círculo social. Por fim, conceituaremos rapidamente a reportagem e sua transmissão para a TV, como ela é produzida e difundida para a população, pois, nosso produto utiliza desses recursos.

Palavras-chave: fake news; cultura do cancelamento; reportagem; televisão.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper aims to discuss the so-called “era of cancellation” and your use on social networks. We will approach how this theme has a historical and socio-cultural context, in addition to analyzing how the term was transformed in view of the internet and social networks. The various authors that we will use will be to give more truth to the facts, especially when we are relating the term to another well-known subject, which is fake news, and about how the “culture of cancellation” is one of the ways found to exclude or ignore a person from your social circle. Finally, we will quickly conceptualize the report and its transmission to TV, how it is produced and disseminated to the population, because our product uses these resources.

Keywords: fake news; cancellation culture; report; television.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
1. PRÉ-CONCEITO.....	7
1.1. A sociedade da vigilância.....	7
1.2. Globalização e internet.....	12
1.3. O impacto da cultura do cancelamento na atualidade.....	19
2. REPORTAGEM E SUAS TÉCNICAS.....	26
2.1. Reportagem investigativa.....	26
2.2. Reportagem televisiva.....	31
2.3. Produção de reportagem.....	38
RELATÓRIO TÉCNICO.....	45
MEMORIAL DESCRITIVO.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72

INTRODUÇÃO

A influência do público é maior do que se pode imaginar, isso, somado à inserção das mídias sociais, forma a chamada “era do cancelamento”, em que, os fãs de determinada celebridade, se sentindo incomodados com atitudes contrárias, optam por usar esses meios para julgar seus atos. Assim, parando de acompanhar seu trabalho e influenciando outras pessoas, através das redes, faz-se cair em um ostracismo, em que nada dito pela pessoa positivamente, tenha o mesmo impacto de antes.

Numa sociedade como a nossa, a ideologia é o principal fator de pensamento, ou seja, as ideias dos indivíduos são pautadas em fatos de contexto histórico, político ou social. Na maioria dos casos, o lado “espectador” de um cidadão é despertado pelas influências de outros pensamentos ideológicos.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, temos a proposta de transmitir conhecimento sobre o tema citado, a chamada “era do cancelamento” e qual é o papel principal das mídias sociais nesse contexto, já que, cancelar um indivíduo é uma forma de “apagar” sua carreira da internet.

O tema em questão quer abrir um debate que estabeleça uma reflexão sobre pessoas que se auto definem juízes e passam a julgar outros indivíduos. Mostrando através do jornalismo investigativo casos reais de pessoas que tiveram suas vidas mudadas devido a essa situação.

Com o método dedutivo e a coleta de dados, a produção do nosso trabalho será feita com base em fatos comprovados e não verossimilhantes, pois, a conclusão que temos sobre a sociedade do controle e o uso das mídias sociais é baseada em livros que remetam aos temas da influência das mídias sociais sobre os indivíduos, a sociedade do controle e espetáculo.

Para isto, o trabalho deverá propor como base, autores conhecidos e exemplos que possuam relação com o assunto, como faremos na primeira parte deste TCC, em especial, “A sociedade da vigilância”. Com isto, queremos oferecer

uma contextualização sobre a sociedade da vigilância, utilizando Michael Foucault (1987), Rogério da Costa (2007), Eduardo Magrani (2019) e Gilles Deleuze (1992), sendo este último, a chave principal para que possamos analisar sobre a sociedade que constatemente observa os indivíduos, de uma forma de invadir sua privacidade e correlacionarmos com momentos históricos como a Ditadura Militar, além de outros exemplos discrepantes, como séries de televisão.

Na “Globalização e internet”., iremos transcorrer sobre como a globalização ganhou força a partir de 1992 e principalmente a internet, que com o seu surgimento anos mais tarde, pode possibilitar a nova onda de internautas. Para este tópico, Valmaria Lemos e José Erimar Santos (2014), Luís Mauro Sá Martino e Ângela Cristina Salgueiro Marques (2018) – sendo que usaremos duas obras de Luís Mauro Sá Martino, está de 2018 e outra de 2015 – e Stuart Hall (2006).

No último tópico, “O impacto da cultura do cancelamento na atualidade, conceituaremos a intitulada “era do cancelamento” e a função das mídias digitais, como isso pode acarretar problemas psicológicos nos “canceladores e cancelados”, com exemplos de celebridades que passaram por esta cultura e até hoje, são vistas como boicotadas. Autores de artigos como Ranyelle Andrade (2020), Diego Garcia (2020), Juliana Bezerra (2020), Adriana Izel (2020) e Paula Stange (2020), falaram sobre o tema proposto, com uma ajuda do autor Luís Mauro Martino Sá (2015) para finalizar este ponto e o que gostaríamos de dizer.

Como formato escolhido para falar sobre este assunto é uma grande reportagem em vídeo, a partir do tópico 2, sobre “Reportagem e suas Técnicas”, estaremos trazendo um conceito sobre a reportagem para o jornalista, como são as produções deste formato e a explicação necessária sobre a reportagem televisiva e investigativa.

Para isto, exemplos de contextos históricos e autores como Mark Lee Hunter (2013), Leandro Fortes (2005), Luis Fernando Assunção (2005) para discutir sobre a reportagem investigativa, Nilson Lage (2001), Cleofe Monteiro de Sequeira (2005), Patrick Charaudeau (2013), Alexandre Carvalho, Fábio Diamante, Thiago

Bruniera e Sérgio Utsch (2010), Guilherme Jorge de Rezende (2000), Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima para transcorrer sobre a reportagem televisiva, além de trazeremos Rezende (2000), Lage (2001) e Carvalho, Diamante, Bruniera e Utsch (2010) de novo para discutimos sobre a produção da reportagem para a TV.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. PRÉ-CONCEITO

1.1. A sociedade da vigilância

Em 2013, o ex-técnico da CIA, Edward Snowden, foi acusado de vazar informações consideradas sigilosas da Agência de Segurança Nacional (*National Security Agency - NSA*) nos Estados Unidos. Dentre esses dados divulgados, estavam que o país espionava a sua própria população, utilizando o *Google*, *Facebook*, *Twitter*, as operadoras de telefonia Verizon e AT&T, entre outras formas de comunicação.

Mas o que acabou chamando a atenção dos brasileiros foi que os agentes da NSA não espionaram apenas a população americana, mas também, outros países, dentre eles o Brasil, por meio das redes sociais, usadas como “peões” para coletar informações e armazenar no grande computador da Agência de Segurança Nacional.

Isto foi considerado um choque na época, pois a população sentiu-se “violada”: seus dados foram compartilhados com ajuda de grandes corporações e poderiam ser usados contra elas em determinado momento, contudo, quando confirmamos a opção “li e concordo com os termos acima”, sem ler estes termos, já estamos distribuindo nossas informações com as empresas e algum órgão de segurança governamental, resultando em uma “venda” da nossa vida cibernética como forma de obtenção de lucro.

Michael Foucault (1987) ressalta em seu livro “Vigiar e Punir”, como a sociedade disciplinar está aplicada no nosso dia-a-dia para manter o poder em vigor.

De uma maneira global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas. É verdade que não há nisso nada de excepcional, nem mesmo de característico: a qualquer

sistema de poder se coloca o mesmo problema. Mas o que é próprio das disciplinas, é que elas tentam definir em relação às multiplicidades uma tática de poder que responde a três critérios: tornar o exercício do poder o menos custoso possível; fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento “econômico” do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (FOUCAULT, 1987, p. 241).

Ele explica que existem duas formas de manter a disciplina da sociedade: por colégios e quartéis. Por colégios, é feita uma espécie de “regime de educação” com normas padronizadas que devem ser seguidas para que o indivíduo aprenda a viver em coletivo sem cometer nenhum delito em sua vida adulta. Já os quartéis, têm a função de manter a ordem, de evitar conflitos e assim, acalmar a população.

Caso haja a ocorrência de crime perante a sociedade moderna, o encarceramento é visto como única solução, ou seja, o confinamento massivo é uma forma de “controlar” esses cidadãos.

Que é o sistema de penalidades admitido pela nova lei? É o encarceramento sob todas as suas formas. Comparai com efeito as quatro penas principais que restam no Código Penal. Os trabalhos forçados são uma forma de encarceramento. O local desse castigo é uma prisão ao ar livre. A detenção, a reclusão, o encarceramento correccional não passam, de certo modo, de nomes diversos de um único e mesmo castigo (FOUCAULT, 1987, p. 135).

Entretanto, assim como o próprio autor fala, este método está se tornando obsoleto, porque as formas de aprisionar estes indivíduos e podemos perceber, que a própria sociedade tenta colocar a ressocialização dos presos em pauta até hoje, claramente com certa dificuldade por parte dos três poderes.

Gilles Deleuze (1992) concorda em partes no seu artigo *Sociedade do Controle*. Em resumo, ele afirma que a disciplina foi transformada em controle, e neste contexto, o encarceramento funciona para os corpos, mas é falho nas ideias, já que, as pessoas podem continuar presas e seguir uma rotina, contudo, as suas

convicções não mudam. Por isto, os grandes movimentos sociais brasileiros como a luta pelo fim da censura na Ditadura Militar e as Diretas Já são vistos como “resistência”, porque os indivíduos, cansados da falta de oposição, resolveram defender suas ideologias.

Uma das questões mais importantes diria respeito à inaptidão dos sindicatos: ligados, por toda sua história, à luta contra disciplinas ou nos meios de confinamento, conseguirão adaptar-se ou cederão o lugar a novas formas de resistência contra as sociedades de controle? Será que já se pode apreender esboços dessas formas por vir, capazes de combater as alegrias do marketing? Muitos jovens pedem estranhamente para serem "motivados", e solicitam novos estágios e formação permanente; cabe a eles descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas (DELEUZE, 1992, p. 4).

Mas como fica isso na questão da vigilância no mundo atual? Rogério da Costa (2004) diz que, enquanto na sociedade disciplinar dependia do confinamento dos indivíduos para mostrar a execução do poder, por meio de prestar atenção nos seus trejeitos, no seu dia-a-dia, ou seja, era vigiar; na sociedade do controle, os telefones e as mensagens tornaram-se grandes peças para observar a população.

Com o avanço da internet, isso se tornou mais evidente, estamos sendo controlados pelas nossas postagens nas redes sociais, até mesmo com base no histórico de pesquisa, como cada um se movimenta no país. Prestamos atenção no nosso mecanismo de busca da internet: hoje, se um cidadão procura algo na internet e depois de um tempo, fecha o guia, os vários anúncios apareceram de acordo com a palavra-chave de pesquisa. Isto é intitulado Web 4.0, ou para resumir, um reflexo das necessidades capitalistas.

Há uma espécie de vigilância disseminada no social, já que todos podem, de certa forma, seguir os passos de todos. O controle exercido é generalizado, multilateral. As empresas controlam seus clientes; as ONGs controlam as empresas e os governos; os governos controlam os cidadãos;

e os cidadãos controlam a si mesmos, já que precisam estar atentos ao que fazem (COSTA, 2004, p. 164).

Mas não são apenas os autores que abordam essa questão da vigilância. Na série “*Black Mirror*” do serviço de streaming Netflix - criada pelo roteirista Charlie Brooker - conta histórias distópicas, frias e duras que envolvem o uso da tecnologia em “futuros não tão distantes” da nossa realidade, e como ela tem uma influência muito forte em nossas vidas ao nos tornar dependentes dela. Correndo risco até de nos tornarmos psicologicamente doentes de acordo com o tempo que ela vai avançando ainda mais.

Falando especialmente do terceiro episódio da terceira temporada chamada “Manda Quem Pode”, “um jovem tem seu computador invadido e precisa decidir entre obedecer cegamente às ordens dos hackers ou ver sua intimidade exposta para sua família”. Neste episódio, é mostrado claramente o poder dos hackers de todo mundo e como eles podem nos vigiar através de qualquer aparelho eletrônico, desde o computador até o celular. Essa ação cria não apenas uma sensação de desconforto, mas também de insegurança.

Há muitos casos, até mesmo aqui no Brasil de pessoas que tiveram suas contas hackeadas, como as atrizes Marina Ruy Barbosa, Cleo Pires e a cantora Ludmilla, em que criminosos acabaram tendo acesso aos seus perfis e anunciaram doações de iPhone em suas contas do *Instagram*. A cantora *drag queen* Pablllo Vittar também foi vítima de hacker. Seu clipe intitulado “K.O”, um de seus grandes sucessos, que contabilizava mais de 100 milhões de visualizações, foi excluído de sua conta do Youtube.

Além disso, uma foto do atual presidente Jair Bolsonaro foi colocada em seu perfil e também, os hackers subiram vídeos musicais com letras ofensivas que faziam referências perturbadoras a pedofilia. A cantora Luísa Sonza também passou por essa situação semelhante e teve suas fotos íntimas expostas após sofrer uma invasão em suas redes sociais.

Como podemos ver, a tecnologia, apesar de ser um mundo de possibilidades, é também um risco contra muitas pessoas que podem ter suas vidas expostas por hackers que as observam. E assim geram repercussão e comentários negativos por parte de outros usuários ao serem vítimas de difamações e mentiras distorcidas. A tecnologia tem uma influência muito forte em nossas vidas bastante refletida na nossa realidade. Eduardo Magrani (2019) conta como é a relação dessa nova realidade nos dias de hoje.

[..] Devemos refletir, ainda, sobre o mundo em que queremos viver e sobre como nos enxergamos nesse novo mundo de dados, decisões algorítmicas e intensificação da relação entre homens e Coisas relacionadas a esse novo cenário (MAGRANI, 2019, p. 55).

Qualquer indivíduo está sujeito a ser observado por outros. Mas apesar dessa realidade, a série também traz uma identificação de um problema é que exposição não autorizada em que contas são invadidas e violadas, e também, uma reflexão sobre nossos comportamentos na era digital, que de certa forma tem um peso muito grande em como seremos vistos na internet. Essa questão também abre um questionamento: será que somos vigiados o tempo todo pelo governo ou hackers independentes?

É claro que “*Black Mirror*” não é o foco principal deste TCC. Mas este é um exemplo necessário para mostrar que todos nós estamos sujeitos a sermos observados em qualquer lugar a qualquer momento. Apesar de que casos com ataques de hackers e invasões à conta privadas, como os citados anteriormente, são ilegais. Eduardo Magrani (2019) ressalta os direitos que as vítimas desse tipo de crime podem seguir. Ele explica que a lei sancionada em 14 de agosto de 2018 sobre proteção dos dados pessoais deve entrar em vigor em 2020. Mas por hora, existe uma lei que garante o direito à privacidade.

A Constituição Federal de 1988 protege, de maneira esparsa, o direito à privacidade, englobando, segundo a doutrina, a proteção aos dados pessoais, tanto no meio físico como digital. A Carta Magna garante, dentre os direitos fundamentais previstos em seu artigo 5º, “a inviolabilidade da intimidade e da vida privada (MAGRANI, 2019, p. 56).

Ainda falando sobre Eduardo Magrani, ele faz alusão a um conceito de privacidade do filósofo italiano Stefano Rodotà, no qual expressa que todos têm o direito de controlar suas informações pessoais e diz respeito a como cada pessoa pode, de fato, decidir o que deve ou não ser revelado ao seu respeito para o mundo. Garantindo assim, quais informações serão de extrema relevância para as pessoas, mas principalmente para si próprio, já que, os indivíduos que desejam revelar dados sigilosos buscam almejar a famosa “limpeza de imagem”.

1.2. Globalização e Internet

"Acabou. A União Soviética criada em 1922 como o primeiro estado comunista da história, agora é só isso: história". Estas foram as primeiras palavras de Pedro Bial, correspondente na antiga URSS, cobrindo a renúncia de Mikhail Gorbachev e o fim do antigo estado soviético em 1991. Muitos consideram este momento como o começo da mudança no mundo como se conhecia, adotando um caráter mais globalizado.

Entretanto, Stuart Hall (2006) fala que a globalização já é um processo antigo e está em fase de desenvolvimento desde os anos 1970. A falta de autonomia dos estados - seja na economia ou entre fatores, em razão da determinação do capital - e a tendência globalizada estão atreladas na modernidade.

Para o autor, a globalização é “um complexo de processos e forças de mudança” (HALL, 2006, p. 67). Na sociedade moderna, a conexão entre as comunidades e o encurtamento do espaço-tempo entre os indivíduos é mostrado por uma série de transformações que impactam a identidade cultural. Quando Stuart Hall (2006) cita a década de 1970 (chamado de “era do individualismo”) como um

parâmetro, é sobre alterações que o mundo estava passando: a chegada da *disco music*, o crescimento dos movimentos feministas e *hippies* da época, além da Rebelião de Stonewall, que apesar de ter acontecido no ano de 1969, tem um profundo significado na comunidade LGBTQ+.

Ainda sobre a década de 1990, a tecnologia começava a se tornar acessível, a internet começava a dar pequenos passos para dominar a sociedade e os indivíduos estavam animados, mas ao mesmo tempo, com medo do que os esperava nos próximos tempos. Ainda em 1991, surgiu o famoso “WWW” (*World Wide Web* ou Rede Mundial de Computadores, em tradução livre), elaborado por Tim Berners-Lee e seus amigos no Centro Europeu de Pesquisas Nucleares, assim revolucionando a criação de sites e *blogs*. Com isto, diversos pesquisadores resolveram estudar a relação da internet, das mídias digitais e quais poderiam ser as consequências para uma sociedade interligada.

Anos depois, essas consequências seriam vistas em formas de indiretas ou comentários maldosos por todo tipo de mídia digital, até mesmo ataques à qualquer pensamento contrário. Inclusive, isto foi perceptível nas eleições presidenciais no ano de 2018. Sendo assim, qual era o ringue de combate? as redes sociais e os lutadores? de um lado, a luta pelos “bons costumes”, a volta da moralidade e o apreço pelo conservadorismo: a ultra direita; do outro, a defesa dos direitos humanos, a luta das minorias e das pautas libertárias: a esquerda.

Foi neste ponto em que vimos uma batalha de ideologias na internet e como era relativamente “fácil” invadir a rede social do outro e despejar comentários infames. Este é um exemplo básico de como a sociedade se tornou mais alienada com o uso da internet e das redes sociais, resultando nas *fake news*, que hoje conhecemos muito bem.

Os participantes do “Big Brother Brasil 20”, Daniel Lenhardt e Victor Hugo, continuaram sofrendo ataques em suas redes sociais, mesmo após as suas eliminações e o fim da edição marcante. Os ataques permaneceram por conta das atitudes de ambos dentro da “casa mais vigiada do país”. Ao chegar no limite, Daniel

Lenhardt e Victor Hugo, desabafaram na internet sobre os comentários pesados que estavam recebendo mostrando suas reações tristes e alegando estarem depressivos com isso.

Essa situação é o reflexo da liberdade que as pessoas têm na internet em promover ódios gratuitos à pessoas que não são consideradas respeitadas por ela. No Twitter, esses ataques têm sido mais comuns e por ser uma rede social onde, segundo os autores Valmaria Lemos e José Erimar Santos (2014), é permitido que usuários divulguem informações pessoais em tempo real, muitos comentários negativos têm atingido muitas pessoas.

A propósito, para entender melhor, Valmaria Lemos e José Erimar Santos (2014) explicam como funciona essa relação dentro da rede social. Fica mais claro que ao permitir que comentem ou compartilhem algo de seu perfil, as pessoas têm total liberdade de opinar sobre o que acham.

[...] Podemos concluir que as redes sociais digitais são formadoras de opinião, o que resulta em pensamentos submissos, alheios a realidade. Os próprios usuários puderam comprovar isto ao afirmarem, cerca de 95%, que essas ferramentas influenciam as pessoas, enquanto que apenas 5% disseram o contrário. Esta situação implica que é urgente e necessária a reflexão crítica e reflexiva acerca do grau de coerção que as redes digitais constroem na sociedade, sobretudo, por parte das instituições formais de ensino (LEMOS, ERIMAR, 2014, p. 319).

O convívio digital se tornou algo nocivo em muitos casos, claro que existe boas discussões e argumentações convincentes que trazem a reflexão a tona, entretanto, em lugares mais inóspitos da internet, alguns comentários chegam a transbordar ódio e ataques à pessoas sem culpa alguma. Alguns indivíduos que residem nesses locais tratam a frase “internet não é terra de ninguém” como uma bobagem e não ligam para as consequências de seus atos.

O filme “Uma Noite de Crime” retrata bem este argumento. Utilizando a história de que, qualquer cidadão tem 1 dia para cometer crimes na sua cidade, sem

sofrer qualquer impunidade da polícia ou do governo, a trama se desdobra com diversos comportamentos considerados infames e que podem ser vistos como grotescos. Claramente, os internautas não seguem o filme à risca, mas ela se comporta, utilizando de xingamentos gordofóbicos, homofóbicos, racistas, misóginos, sem se preocupar com resultados, já que está comentando como “anônimo”.

Luís Mauro Sá Martino (2015) relata que as pessoas, além de utilizar as redes sociais para divergir sobre assuntos e passar por cima das leis do mundo físico, invadem a “privacidade” do outro para comentar sobre a sua vida.

Isso leva a pensar, entre outros elementos, no poder político das redes sociais — a partir de um ponto de vista otimista, a arquitetura horizontal das redes permite aos participantes passarem por cima de barreiras institucionais e mesmo governamentais na troca de informações; por outro lado, é possível pensar também até que ponto as redes sociais, de fato, são usadas para fins políticos e democráticos mais do que para saber quem mudou o status do perfil de “solteiro” para “casado” (MARTINO, 2015, p. 59).

É possível notar que a internet tem uma grande influência na vida da maioria das pessoas do mundo todo. Seja nos negócios, na relação interpessoal, na vida acadêmica, na vida social etc. Tudo é graças às possibilidades que a ela trouxe com seu surgimento.

Outra coisa muito interessante de se ver é que a internet tem muitas histórias que contribuem com a relação que é construída dentro dela. Os autores Luís Mauro Sá Martino e Ângela Cristina Salgueiro Marques (2018) defendem em seu livro, a teoria do pesquisador George Gerbner no artigo “Stories We Tell”, que as histórias são um dos principais fatores na formação dos vínculos entre pessoas, o que faz acontecer o surgimento de comunidades e sociedades.

Essa teoria do pesquisador citado pelos autores faz todo o sentido. As relações construídas na internet possibilitam a criação de novos grupos sociais, ou

seja, pessoas do mundo todo que compartilham do mesmo pensar. Isso é perceptível nas redes sociais. A maioria das pessoas costumam ter em seus espaços outras pessoas que fazem parte da mesma ideologia. Dificilmente alguém com pensamento divergente consegue conviver sem que haja um conflito de ideias. Mas os autores Luís Mauro e Ângela Cristina (2018) ressaltam a importância que essas histórias têm em construir laços.

O ato de contar histórias está ligado a um sentido de compartilhar algo com outras pessoas, dividir o que vivemos, compartilhar experiências e vivências - e isso aparentemente nos ajuda a viver juntos, nos sentir mais fortes ou, pelo menos, menos fracos. Dividir histórias é criar um vínculo, uma ligação com outras pessoas, talvez o ponto de partida para a solidariedade (MARTINO, MARQUES, 2018, p. 43).

Ou seja, através de histórias uma relação de vínculo é criada e as pessoas passam a ter em seu meio social virtual pessoas que fazem parte da mesma ideia. Ou que, pelo menos, se identificam com as histórias relatadas.

A polidez é um dos fatores citados pelos autores que contribuem para a construção de um bom relacionamento em sociedade. Eles usam um exemplo de uma matéria jornalística publicada em 1988 pelos jornalistas Luis Weiss e Lúcia Helena de Oliveira na revista Superinteressante. O texto intitulado “Boas Maneiras: Por Favor, Leia esse Texto - Desculpe a Pergunta, Mas Onde Estão as Boas Maneiras no Mundo de Hoje?”, fala como a gentileza e as regras de convivências são mais que formalidades, são fundamentais para a vida em sociedade.

As boas maneiras, com todos os seus rituais, procedimentos e regras, podem ser entendidas como um complexo jogo de interações e comunicação com base no qual nosso cotidiano é criado - e a polidez é talvez a forma mais intensa da ética dessa relação (MARTINO, MARQUES, 2018, p. 63).

Como citada pelos autores, a polidez funciona no meio social, isso significa que se testada mais vezes na relação virtual, isso talvez funcione em criar uma relação sem cancelamentos ou ataques, com mais respeito e humanidade.

Mas “como conviver com pessoas que têm visões de mundo diferentes, às vezes incompatíveis com as nossas?”. Esse questionamento citado pelos autores Luís Mauro e Ângela Cristina (2018), é um questionamento que todos devem fazer. Afinal, há quem insiste em conviver nas redes sociais com pessoas que tem um pensamento diferente do seu. Às vezes, por compartilhar algo ou comentar alguma coisa contrária, cria-se um conflito que pode gerar uma discussão não muito agradável.

Os autores dizem que um “esclarecimento recíproco” é fundamental para que ideologias, estereótipos e representações pré-fabricadas por uma ou mais partes da sociedade sejam revistas ou reformuladas. Além de trazer questões de interesse coletivo, abre também uma porta para entender o lado do outro e criar um impasse entre as ideias.

As redes sociais possuem o poder de conectar pessoas e assim, criar uma “teia de usuários” ligados por um motivo em comum. Entretanto, Luís Mauro (2015) reflete que, esses vínculos podem trazer consequências desagradáveis por separem indivíduos em “conectados e desconectados”, resultando em um afastamento desses cidadãos do convívio digital. Ou seja, há um claro distanciamento entre os indivíduos que utilizam as mídias digitais e outros que não usam, seja por causa da falta de recursos para acessar a internet ou a ausência de equipamentos. Isso é fruto do contexto social em que essas pessoas estão inseridas, alcançando a carência de programas de inclusão digital.

A globalização estabelece as condições necessárias para que o compartilhamento de dados disponíveis na internet aumentasse de maneira cada vez mais rápida. Apesar da barreira digital, citada acima, por Luís Mauro (2015), “(...) isto é, a diferença de oportunidades e possibilidades de acesso às tecnologias digitais e aos seus ambientes culturais”, o cotidiano passa a ser conectado e

inundado de informações, as quais surgem e se tornam ultrapassadas num curto espaço de tempo. Redes sociais, blogs, sites... a pluralidade de dados disponíveis na rede alimentam a concepção de informações que surgem a todo momento, mas que nem sempre agregam valores. O saber lidar com a interação máquina-usuário é um processo que exige uma coordenação dos seres conectados.

O feedback estabelecido nas mídias digitais com a democratização, compreende modos de ser, agir e pensar de pessoas que além de ter acesso à informação, precisam ter a noção real da palavra e compreendê-la como um dado novo e não só como uma verdade absoluta. O exemplo das eleições de 2018, citado anteriormente, estabelece exatamente que a noção de *informação* acaba sendo distorcida quando bate de frente com direcionamentos pré-estabelecidos.

Um dos conceitos principais para se compreender as mídias digitais é a noção de *informação*. Embora no uso cotidiano dessa palavra seja usada às vezes como sinônimo de "comunicação" ou mesmo "conhecimento", no estudo das mídias ela tem um significado específico. Em linhas gerais, uma informação pode ser entendida como qualquer dado novo que aparece em um sistema (MARTINO, LUÍS MAURO SÁ, 2015, p. 24).

Na sociedade em rede, o indivíduo necessita de competência para interagir com o volume de informações para que, assim, possa adquirir o conhecimento, de fato. Já que a interatividade faz com que o usuário também exerça um papel de colaborador/produtor da circulação de informações no ciberespaço.

As conexões são inevitáveis, mas não são iguais, quando dizem respeito ao espaço virtual. A troca estabelecida entre indivíduos no meio virtual são transformadas/editadas dependendo das situações, apesar da mútua comunhão de saberes, é por meio das modificações nesse processo de passar "informação" que se potencializa o que hoje chamamos de "fake news".

1.3. O impacto da cultura do cancelamento na atualidade

Atualmente, um movimento tem tomado conta das redes sociais, e principalmente, dos seus usuários. Se algo é pronunciado com teor machista, homofóbico, xenofóbico ou etc., rapidamente entra o “cancelamento”, para que possa bloquear esses indivíduos que despejam discursos de ódio ou algo similar.

A autora Ranyelle Andrade (2020), fala em seu artigo o que poderia ser o conceito da “cultura do cancelamento”, quando, principalmente, um artista passa pelo “cancelamento” após sofrer duras críticas por algo que fez ou falou.

“Originalmente utilizado para desmarcar compromissos, por exemplo, o termo tem sido empregado como sinônimo de boicote a personalidades públicas, acusadas de fazer ou dizer algo considerado condenável, ofensivo ou preconceituoso por determinados grupos sociais”, (ANDRADE, 2020).

Não se sabe muito sobre o surgimento do termo “cultura do cancelamento” ou do seu significado, só sabemos que ela existe há muito tempo como forma de ignorar o conteúdo ou cidadão. O “cancelamento” é um termo que veio ganhando força em 2019 e 2020. Entretanto, ela sempre esteve presente.

Por exemplo, em 1966, o então integrante dos The Beatles, John Lennon, cedeu uma entrevista à rádio britânica e segundo relatos, uma de suas falas foi afirmando que “a banda era melhor do que Jesus Cristo”. Claro que, Lennon tratou de desmentir os rumores e disse que ele estava fazendo uma “comparação abstrata”. Contudo, o estrago já estava feito: nos EUA, as grandes igrejas decidiram fazer grandes queimadas para destruir discos da banda e incinerar posters como forma de protesto.

No contexto atual, a internet tem ajudado a disseminar mais informações e assim, deixando os usuários julgarem necessário se a pessoa merece o esquecimento ou não. O “cancelamento” tem um forte influência na vida pessoal e

profissional de uma pessoa. E a internet tem contribuído bastante para que isso acontecesse. A velocidade em que notícias ocorrem são surpreendentes. Em questão de minutos, a pessoa já está recebendo duras críticas pelo o que disse ou fez.

Há quem lide com isso o tempo todo, como por exemplo, a cantora Anitta, que apesar de tentar corrigir seus erros, continua sendo alvo de duras críticas, principalmente pela falta de posicionamento político. Ou como a influenciadora digital, Bianca Andrade, a “Boca Rosa”, que também sofre duras críticas por posicionamentos contraditórios. Isso faz com que ambas se esforcem diariamente para reerguer o que lhes foi tirado após seus “cancelamentos”. Mas, além de tentar recuperar o que foi perdido, que outras consequências isso pode trazer?

Outros nomes como o cantor Nego do Borel e o maquiador das estrelas Agustin Fernandez são vistos como “cancelados”, porém, esses tiveram seus motivos. O primeiro cometeu transfobia contra Luisa Marillac e apesar de ter pedido desculpas, foi totalmente “esquecido” na internet e hoje, está sem gravadora e o sucesso de antes. O segundo apoia o presidente Jair Bolsonaro e nunca voltou atrás, mesmo com os comentários homofóbicos, racistas, machistas, xenofóbicos, e etc. Por isto, Fernandez não é bem visto na comunidade LGBTQI+.

É provável que isso traga alguns problemas psicológicos, como a depressão. Um artigo publicado pelo autor Diego Garcia (2020) do site Viva Bem da Uol, fala de como o “cancelamento” afeta a saúde mental.

Canceladores de plantão podem se tornar pessoas críticas demais, além de intolerantes, o que nunca é saudável para ninguém. Já os cancelados podem sofrer psicologicamente com as consequências de algum tipo de represália ou julgamento mais duro. Abandono, desprezo, desconsideração e esquecimento são alguns sentimentos que podem atingir a pessoa cancelada, afetando sua saúde mental, (GARCIA, 2020).

Um dos principais fatores que podem afetar a saúde mental de uma pessoa são os comentários ofensivos que são feitos nas redes sociais. Eles geralmente apresentam agressões verbais e de conteúdo sensível, passando a intimidar a pessoa que está sendo “cancelada”.

Esse acontecimento resulta em um isolamento virtual da pessoa “cancelada”, que passa a desativar comentários nas redes sociais e apenas uma nota de esclarecimento é publicada. Às vezes, a pessoa também passa a postar uma série de vídeos em seu *story* no Instagram comentando a situação.

Outro ponto que pode causar esse dano mental, são sites de fofoca, como Léo Dias, Hugo Gloss, que podem reacender ataques a essas pessoas que passam pelo processo do “cancelamento”. O ato de comentar a história 24 horas por dia, dando novas informações, pode acabar alimentando o ódio gratuito nos comentários e prolongar a perseguição e o linchamento virtual. Talvez, o fato de querer deixar o público informado, seja também uma forma de piorar ainda mais a situação.

Um acontecimento muito curioso sobre isso é que, famosos, são os principais alvos de “cancelamento”. Pessoas comuns, dificilmente são “cancelados”, mesmo que tenham atitudes semelhantes a de famosos. Quando bloqueamos um indivíduo por postar um comentário preconceituoso na sua rede social ou ignoramos um cidadão que já fez parte do nosso convívio social, estamos cometendo o ato de “cancelar” ou seja, eliminar aquele sujeito da nossa vida.

Além disto, o autor apresenta formas de como esse “cancelamento” poderia ser feito: a primeira seria a sinalização do erro. Uma conversa franca que poderia esclarecer melhor e fazer com que a pessoa corrija o erro sem sofrer uma pressão muito grande nas redes sociais. A segunda opção seria dar espaço para amadurecimento pessoal. Segundo o autor, “crescer” demanda tempo e espaço, e ao interferir nisso, impedimos que a pessoa se desenvolva futuramente.

Existem formas menos agressiva de sinalizar ao outro que alguma fala ou atitude que ele teve não agradou. A conversa franca é sempre a melhor opção, mas é importante prestar atenção na maneira como se dirigir ao outro, sem apontar dedos ou julgar suas atitudes. [...] Além disso, precisamos dar espaço para as pessoas amadurecerem. Crescer demanda tempo e espaço. Ao mesmo tempo em que a gente oferece espaço para que as pessoas se desenvolvam e cresçam, a gente quer ter esse espaço para desenvolver e amadurecer também. O que geralmente acontece, porém, é que acabamos impedindo o outro de se desenvolver e criar trajetórias, projetos e percursos singulares e exclusivos, ligados a própria subjetividade (GARCIA, 2020).

O “cancelamento” pode ser também uma forma de forçar uma mudança que a pessoa poderia aprender ao longo de sua vida. Isso pode impedir um desenvolvimento natural e até prejudicar um processo que todo mundo passa. Mas essa ideia do autor nos faz refletir sobre o seguinte questionamento: o “cancelamento” não poderia ser também uma forma de abrir a mente da pessoa sobre algo que ela nunca percebeu ser errada?

A sociedade não nasceu desconstruída de assuntos que hoje em dia não condizem com a nova realidade. A maioria das pessoas passam por um processo de desconstrução. Onde deixam de pensar de um modo e passam a pensar de outro, entendendo e corrigindo ações e comportamentos que são errados e ofendem qualquer grupo social.

É claro que nem todos passam por isso. Existem aqueles que se negam a mudar e continuam presos em sua própria ideologia. Talvez por não verem problema no que falam ou pensam, ou porque de fato são preconceituosos.

Para tentar explicar isso, usaremos as diferenças entre racismo e racismo estrutural, argumentando sobre como existem pessoas que não reconhecem o problema em sua ideologia e pessoas que vivem o pensam. Segundo a autora Juliana Bezerra (2020), racismo é “a crença em que uma raça, etnia ou certas características físicas sejam superiores a outras”, ou seja, pessoas brancas que se sentem superior a pessoas negras.

Já racismo estrutural, segundo o autor Francisco Porfírio (2020), é uma “forma de racismo tende a ser ainda mais perigosa por ser de difícil percepção. Trata-se de um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutido em nossos costumes e que promove, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial”. Ou seja, são comportamentos que muitas das vezes as pessoas que praticam não fazem ideia da gravidade da que foi dito/feito.

Essas duas diferenças, explicam como há pessoas que pensam ser verdade e como há pessoas que apenas reproduzem tais falas e comportamentos porque é algum “comum” na sociedade. Talvez, se as pessoas entendessem no que a pessoa se encaixa antes de “cancelar”, diálogos com aprendizados seriam mais presentes na internet.

Não estamos dizendo que o “cancelamento” não funciona, apenas que uma avaliação antes de “cancelar” seria algo interessante de se fazer.

Adriana Izel (2020) fala que o cancelamento é necessário, entretanto, não podemos sair eliminando qualquer pessoa, já que não sabemos de qual situação social aquele cidadão veio ou até mesmo se uma conversa teria sido melhor para apaziguar as partes. Para ela, a cultura do cancelamento se tornou um jogo.

É claro que há atitudes que são deploráveis e até criminosas. E, para usar outro termo da internet, não é preciso “passar pano” acobertando erros. Mas a decisão de cancelar alguém, muitas vezes, pode ser drástica demais. É como se tivéssemos o poder de eliminar, ao melhor estilo do que ocorre em realities shows — onde isso, de fato, é uma brincadeira, parte de uma dinâmica de jogo — sem direito a resposta ou retratação (IZEL, 2020).

Mas por qual motivo as pessoas geralmente se sentem no direito de “cancelar” o próximo depois do mesmo ter tido uma atitude errada? Para Paula Stange (2020), além de ser uma “moda”, o “cancelamento” seria uma forma de se “vingar”. Essa ideia surgiu a partir de uma declaração de Vitor Burgo, jurista e doutor

da USP. Para ele o “cancelamento” não é algo novo, mas um comportamento que ganha dimensões pelo potencial difusor da internet. Veja:

Quem cancela está tentando ser esse menino popular da rua. É que hoje a gente não se comunica mais na rua como antigamente, não sabe mais quem é o vizinho. A forma que encontramos de nos agrupar é na Internet. O cancelamento se tornou uma cultura justamente pelo fato de ele propiciar na Internet aquilo que perdemos no deslocamento do real para o virtual: o senso de pertencimento, integração, comunidade. Quando eu cancelo alguém e comunico essa decisão, todos os que chegam embalados pelo mesmo sentimento trazem aconchego, referendam minha ideia, fazem com que me sinta pertencente. É como ser aceito pelos amigos da nova escola ou pela turma do futebol (STANGE, 2020).

Mesmo que a difusão das mídias digitais provoquem uma valorização da autonomia, já que os indivíduos passam a produzir e disseminar conteúdos diversos, ela também traz uma valorização de performance individual e é isso que causa um impulso na participação coletiva da interconexão.

Temas delicados estão sempre sujeitos à opinião e, esta é disseminada de forma pública nas plataformas digitais. Daí surge o famoso “tribunal de julgamentos”, e não fazer parte de uma bolha, cujo objetivo seja impor um único ponto de vista, é dever de todos. Apesar de o ato ocorrer, mais facilmente com pessoas conhecidas, ninguém está sujeito à escapar disso, podemos ser cancelados até no nosso próprio grupo de amigos.

O ato de boicotar outras pessoas por falas ou atos traz consequências para os dois lados. Embora restringir seja uma forma de fazer com que as pessoas tenham mais consciência com suas falas perante o mundo cibernético, isso também causa uma busca pela perfeição inexistente e impulsiona atitudes veladas em virtude de ser aceito socialmente.

Com a presença rotineira da vigilância, há quem prefira a transparência em tempos de total visibilidade. Entretanto, as mídias sociais acabam por trazer à

tona a exposição voluntária e daí a chance de um conhecimento sobre suas vidas, diretamente ligada às instâncias de controle e vigilância social instantânea.

As mídias digitais abriram horizontes diferentes para se pensar essas questões. A multiplicação das fontes de informação, a possibilidade de compartilhamento instantâneo e a velocidade de dados reconfigurou o que se imaginava como “controle”. A noção de “público” e “privado” se transformou, bem como as ideias de “vigilância” e “transparência”. Se, em algum momento, as fronteiras entre esses conceitos eram fixas, sua característica atual parece ser a mobilidade. (MARTINO, LUÍS MAURO SÁ, 2015, p. 256).

Jogos de poder e formação do saber, esses são os fatores marcantes da vigilância contemporânea. A exposição e/ou privacidade do “eu” cotidianas no ciberespaço, implicam diretamente sobre o controle de condutas e hábitos dos indivíduos e populações. As possibilidades de expressões e liberdades individuais, portanto, acabam conflitando com o regime encontrado na interconexão digital dos usuários.

2. REPORTAGEM E SUAS TÉCNICAS

2.1. Reportagem investigativa

O jornalismo investigativo é uma das vertentes mais utilizadas e conhecidas da comunicação social. A explosão deste termo começou nos anos de 1974, quando o então presidente dos EUA, Richard Nixon, foi exposto por casos de corrupção pelo jornal *Washington Post*, culminando então na renúncia de Nixon, no dia 9 de agosto do mesmo ano.

Esse foi um dos exemplos mais emblemáticos de como dois jornalistas se uniram para denunciar as ações do governo de seu país e conseqüentemente, “derrubaram” o presidente. Até hoje, esta história é lembrada, principalmente por conta do filme “***Todos os Homens do Presidente***”, lançado dois anos depois do incidente, que detalhou cada passo da investigação.

No Brasil, esta prática surgiu na época da Ditadura Militar, principalmente com os atos do jornalista Carlos Lacerda, que era militante comunista e integrante da União Democrática Nacional (UDN), lutava contra o regime autoritário de Getúlio Vargas. Inclusive, um dos momentos que deu fim à derrocada do governo Vargas ainda nos anos 1950 foi o chamado ‘atentado da rua Tonelero’, que à mando do Alcino João do Nascimento, visava assassinar Carlos Lacerda.

Mark Lee Hunter (2013) conceitua o termo de forma resumida: têm o intuito de informar a população sobre ações ocultas, seja governamental ou não.

O jornalismo investigativo envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem a entendimento. Ele requer o uso tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados (HUNTER, 2013, p. 8).

Sendo assim, o jornalismo investigativo tem como base à exposição de fatos que não são levados à população por uma série de fatores, como uma forma

de “encobrir” um delito ou ato repulsivo. A morte do jornalista Vladimir Herzog, durante o regime militar brasileiro em 1975, foi um dos casos que repercutiram de forma negativa para o governo daquela época.

A nota do Serviço Nacional de Informações dizia que o comunicólogo suicidou-se em sua cela enforcando com uma tira de pano, contudo, legistas analisaram que Herzog foi assassinado, pois ele utilizava um cinto em seu pescoço e os prisioneiros da DOI-CODI não tinham acesso à isto, sem contar que, a foto anexada no laudo mostrava o jornalista com os pés tocando no chão, impossível se tratando de um “enforcamento”.

Acontecimentos como este evidenciam o profundo trabalho de investigar a cena de um crime e reportar à população, por exemplo, como uma forma de mantê-los informados. Hoje, a apuração dos casos é feita com base em seu grau de relevância, ou seja, a quem ela vai atingir e como vai ser a repercussão.

Inclusive, para que uma história seja julgada como “boa” por editores ou até mesmo, pelo próprio veículo de comunicação, é necessário apresentar uma hipótese forte, que não há como dizer “não”. O jornalista não pode apresentar uma ideia vaga como “sistema carcerário” pois é abrangente, então, a expansão para o problema da superlotação do sistema carcerário e como o governo não faz nada para tratar este problema é uma forma de manter a narrativa ativa. Só assim, avaliando qual é o público-alvo que ela vai alcançar e a sua divulgação na imprensa, os recursos poderão ser liberados para averiguar esta situação.

Leandro Fortes (2005) fala que devemos pesquisar à fundo, qual é o significado deste fato, o que ela representa, quem são os envolvidos e o seu objetivo na sociedade, além das fontes, que são peças essenciais para montar a matéria, porém, o produto não precisa valer “à sua vida”. Uma reportagem jornalística não é apenas ter uma ideia, é fundamental pensar em cada um destes passos.

Jornalismo investigativo é, por natureza, uma atividade de risco. É o tipo de coisa que mexe com grandes interesses, com corporações poderosas,

com crime organizado, com policiais corruptos, com todo tipo de gente que quer ver qualquer coisa na frente, menos um jornalista abelhudo fazendo perguntas e fuçando para lá e para cá. Enfrentar essas máfias é um ato de grandeza profissional, mas se entregar a isso de qualquer jeito é a maneira mais fácil de se meter em encrenca. Não vale a pena, sob razão alguma, correr risco de morte para tocar uma pauta. O bom repórter é corajoso, mas não é burro. O herói, dizia o impagável Stanislaw Ponte Preta — alterego do jornalista Sérgio Porto — é o cabra que não conseguiu correr (FORTES, 2005, p. 36).

Não podemos esquecer de filmes que também retratam o jornalismo investigativo. Como o *'Spotlight: Segredos Revelados'* (2015), dirigido por Tom McCarthy, que mostra um grupo de jornalistas que unem forças para revelar a pedofilia dentro da igreja católica ocultada por líderes religiosos. O longa bastante aclamado pela crítica foi inspirado em fatos reais, mostrando os bastidores de uma das redações mais influentes dos Estados Unidos, o jornal *The Boston Globe* no ano de 2000.

Na época, o jornal passava por uma crise financeira e o clima se tornava cada vez mais tenso, ainda mais com o comando de um novo editor-chefe. Além disso, *Spotlight* é o nome de uma unidade especial do diário. Ela ganhou esse nome para trabalhos jornalísticos investigativos que demandam um longo trabalho de apuração e tempo para a checagem de fontes e informações. O filme é bastante interessante, pois vai aproximando o telespectador para entender como funciona o processo de apuração dos fatos dentro de um jornal. Esse sucesso levou o Oscar de Melhor Filme e Melhor Roteiro Original, além de outros 23 prêmios.

Outro filme de grande sucesso é *'The Post: A Guerra Secreta'* (2017) de Steven Spielberg, que teve Meryl Streep, Tom Hanks e Sarah Paulson, além de outros nomes de peso na dramaturgia cinematográfica. Apresentando um “thriller” político, o longa foca em Katharine Graham, proprietária do *The Washington Post*, durante o governo Nixon, quando o mesmo tentou impedir que o jornal prosseguisse com uma extensa publicação sobre uma documentação ultra-secreta sobre o envolvimento norte-americano na Guerra do Vietname, marcando a história dos Estados Unidos em uma disputa histórica entre a Casa Branca e a imprensa em

que o Supremo Tribunal teve uma forte decisão considerando inconstitucionais os mandados emitidos para impedir a publicação dos documentos, autorizando a divulgação dos mesmos. Agora, o que o filme de Steven Spielberg tem a ver com jornalismo investigativo? Todo o processo de apuração dos documentos para a divulgação da informação que até então era secreta.

Em seu artigo, Luis Fernando Assunção (2005), conta em um trecho como é a realização da investigação jornalística. Ele detalha um processo parecido com o que foi mencionado sobre os filmes, afirmando que isso faz parte da capacitação do jornalista.

Aliado aos problemas internos das redações - falta de tempo para completar as matérias, falta de espaço para a publicação e interferências externas como ligações econômicas e políticas do veículo -, o repórter ainda precisa conviver com a ausência de interesse de grandes jornais, principalmente, em investir em uma reportagem de fôlego mas que, por algum motivo ou outro, poderá trazer dores de cabeça à organização empresarial. O jornalista Nilson Mariano enfrentou esses problemas quando decidiu mergulhar na investigação sobre a Operação Condor. Precisou, para tocar a investigação, de muita paciência e jogo de cintura, intercalando suas atividades diárias no jornal *Zero Hora* com os levantamentos que iriam desembocar no livro-reportagem, muitos anos depois (ASSUNÇÃO, 2005, p. 59).

Há uma coisa muito importante citada pelo autor, que além de refletir nos filmes citados acima, é algo que faz parte do cotidiano que todo jornalista investigativo enfrenta: “interferências externas como ligações econômicas e políticas do veículo”. O jornalista em si, sente a necessidade de saber e revelar a verdade, contudo, muitas das vezes essa necessidade é limitada por conta do veículo ter algum vínculo com outro órgão, como o governo, por exemplo. E publicar notícias negativas podem prejudicar a relação entre o veículo e o órgão. Mas, há aqueles que vão a fundo e lutam pela exposição da verdade - o que é trabalho de todo jornalista -, mesmo diante de uma conturbada e tensa relação dentro do local de trabalho.

Além de também, ver como o jornalismo investigativo exige um esforço ilimitado do jornalista em si e como é uma atividade que exige um envolvimento de corpo e alma, uma sede de busca pela verdade. Talvez, o jornalismo investigativo seja a maior necessidade que o público necessita. Porque um investigador comum da polícia, busca a verdade para solucionar um problema. Já o jornalista não, ela vai em busca da verdade. Afinal, é de interesse de todos.

Ou seja, o Jornalismo investigativo, carrega novos ares nos dias atuais. Até a década de 1990 a “investigação”, de fato, se dava até nos momentos de esquecimento de uma palavra e a busca desta em arquivos, jornais já publicados e enciclopédias. O surgimento das ferramentas eletrônicas simplificaram a busca por dados, estatísticas e qualquer pesquisa no ambiente das redações.

Leandro Fortes (2005, p. 8) afirma que “aos poucos, portanto, a investigação deixa de ser um simples preceito para se transformar, graças à modernidade, em uma área de crescente especialização. Virou um nicho, uma marca e um símbolo de status dentro do jornalismo brasileiro”.

A exclusividade de matérias de investigação juntamente com a necessidade de resolução mais rápida de assuntos de interesse público tende a culminar na descaracterização do verdadeiro cunho jornalístico. Segundo Nilson Lage (2001), o que pode causar o “arrefecimento” do poder investigativo do jornalismo é o interesse da utilização da imprensa para fins políticos e econômicos, bem como promoção pessoal, partidária e institucional.

A alta circulação de informações no jornalismo diário fez com que os textos jornalísticos se tornassem mais enxutos e superficiais, o que inviabiliza matérias grandes com um processo maior de checagem raramente publicadas diariamente. O material informativo advindo de agências e/ou assessorias, como *releases* acabam predeterminando e limitando o profissional em seu processo produtivo e seleção de fontes de informação.

O repórter investigativo, que precisa de tempo para apurar suas histórias, suas fontes de informação e checar documentos, é uma peça destoante da engrenagem. Consequentemente, a reportagem investigativa tornou-se rara nas páginas dos nossos jornais diários (SEQUEIRA, 2005, p. 41).

Nilson Lage aponta o repórter como “mais que um agente inteligente”, devido à delegação que o posiciona no ambiente em que o ouvinte, leitor ou espectador não pode estar e lhe dá autonomia para o processamento de dados. O papel autoriza a selecionar e fazer um recorte do que é interessante para ser transmitido. O que envolve a competência comunicativa, bem como estratégias e sua reação ao meio, contrapondo-se à tendenciosidade.

A reportagem investigativa é uma importante vertente para trazer dados mais aprofundados sobre um caso para a população. Após a montagem do produto, cabe ao veículo de comunicação escolher como esta matéria será difundida: na televisão, rádio, internet ou material impresso. Em certas circunstâncias, a reportagem televisiva irá ser a selecionada, pois tem uma abrangência maior entre os cidadãos e também por ser um formato audiovisual, para assim atrair a atenção do telespectador.

2.2. Reportagem televisiva

A contrário do que se pensa, a reportagem televisiva é um dos maiores meios de comunicação na hora de transportar acontecimentos do cotidiano como forma de projeto audiovisual para milhões de telespectadores. A sua participação forte em grandes momentos como a eleição de 1989 e o debate histórico entre Collor e Lula na Rede Globo, ou até mesmo, a descoberta do caso de clonagem da ovelha Dolly foram marcos para a reportagem televisiva.

Na reportagem, o que se deve levar em consideração é o levantamento de dados, entrevistas com fontes primárias ou secundárias, análise detalhada do fato e principalmente, a assinatura do jornalista. O formato é bastante utilizado entre

repórteres e os veículos de comunicação, com o auxílio de recursos audiovisuais como gráficos, desenhos, mapas, áudios e etc para manter a atenção do telespectador. Patrick Charaudeau (2013) fala que a reportagem é “um fenômeno social e político”, sendo necessário adotar uma política imparcial na sua história e transmitir resposta ao questionamento levantado.

(...) É por isso que recorre a diversos tipos de roteirizações, utilizando os recursos designativos, figurativos e visualizantes da imagem, para, por um lado, satisfazer às condições de credibilidade da finalidade de informação (com formatos de investigações, de testemunho, de reconstituição detalhada trazendo a prova da existência dos fatos e da validade da explicação). A “investigação”, no caso, não é um gênero propriamente dito. É um procedimento de investigação que depende da ação e que, em seguida, será objeto de uma descrição que se inscreve num relato mais vasto, como no caso do romance policial. A Discurso das mídias por outro, satisfazer às condições de sedução da finalidade de captação (dramatizações destinadas a tocar a afetividade do espectador) (CHARAUDEAU, 2013, p. 221).

Neste caso, a reportagem televisiva entra como um destas vertentes, pois, a sua única diferença é a forma de disseminação para a população. Este tipo de reportagem é feito nos moldes do conceito da palavra, contudo, tem suas diferenças como a sua produção. Da pauta à transmissão do material, a sua estrutura não se diferencia da impressa ou radiofônica, às vezes, dependendo da empresa jornalística em que trabalha sofre uma alteração em como ela é realizada. Mas a sua distinção das demais ocorre por um motivo: a equipe.

A diferença mais gritante é que, como já havia dito, em televisão tudo é feito em equipe. O repórter recebe a pauta que outro jornalista elaborou. Vai para rua com repórter cinematográfico e o auxiliar, que fazem parte do departamento de operações. Discute e fecha a matéria com um editor e por aí vai. A interdependência dos profissionais é, portanto, maior em uma redação de televisão. Por um lado, é ruim, porque às vezes o profissional perde a referência do todo; mas, por outro, é bom, porque o resultado final é a junção de formas diferentes de olhar o fato (CARVALHO ET ALL, 2010, p. 7).

O telejornalismo abrange um público-geral, não possuindo uma restrição em seu conteúdo. Claramente que existe certos temas que são sensíveis para certas idades, mas a reportagem televisiva tem como foco mostrar a realidade, sem cortes, de forma objetiva e clara para a população.

Ainda, devemos pontuar que a televisão é um dos aparelhos eletrônicos que todos têm em suas casas, principalmente pelo fato de boa parte dos brasileiros ainda serem analfabetos ou não terem interesse em ler matérias nos jornais impressos, sendo isto um fator para a televisão ser ainda forte no país¹. Ainda existe o agravante da população só ler o que realmente lhe interessa, como por exemplo, o caderno de esportes e esquecem das notícias que acontecem no Brasil e no mundo.

Por isto que o telejornalismo se tornou tão importante na nossa vida: é uma forma de divulgar todas as notícias importantes em um programa de 40 minutos a 1 hora, passando por cadernos como esportes, cultura e matérias relacionadas ao Brasil e o mundo, de forma que abrange o público em geral.

É improvável que o telejornalismo esteja cumprindo papel satisfatoriamente essa missão social, uma vez que está atrelado às grandes corporações que controlam as estações de TV, motivadas muito mais por seus interesses econômicos e políticos, do que pelas necessidades de camadas populares de audiência. De uma forma ou de outra, porém, razões mercadológicas impelem a produção telejornalística, como de resto toda a programação televisiva, a procurar atender aos desejos e às expectativas de um expressivo contingente de telespectadores que se situam no outro extremo do processo de comunicação. E essa fatia de audiência de baixo nível instrucional, tão cobiçada pelos departamentos de vendas das emissoras, encontra na televisão uma das poucas oportunidades para sonhar com a esperança de tornarem-se verdadeiros cidadãos (REZENDE, 2000, p. 24).

¹ *Segundo dados do IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 96,4% dos domicílios em território brasileiro possuem pelo menos 1 aparelho de televisão, em pesquisa realizada em 2018. De acordo com as informações, a presença de sinal digital aberta em residências aumentou para 86,6%. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>.

Como já havia sido citado, as eleições presidenciais de 1989 foi um dos maiores eventos televisivos para aquele ano, principalmente os seus debates. Quem se esquece da imagem dos candidatos à presidência, Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva fazendo referência aos grandes filmes de faroeste, um de costas para o outro, utilizando armas para mostrar que seria o “mata-mata”. A frase desse pôster: “Não perca, Collor e Lula fazendo de tudo para não ser o SBT destas eleições” é considerado um dos momentos mais icônicos daquele ano.

O debate é um grande momento para os candidatos mostrarem porque devemos escolher eles para liderar o país. Querendo ou não, o telejornalismo tem uma influência sobre isso. José Bonifácio de Oliveira Sobrinho ou simplesmente Boni já falou em centenas de entrevistas o quanto a Rede Globo teve atuação nas eleições daquele ano, principalmente em mostrar a figura de Collor como um homem íntegro e jovial, totalmente o contrário do que fazia com Lula. Flora Neves (2000) fala que a imagem de Collor foi “moldada” pela emissora, o que até mesmo se refletia em suas novelas.

Pouco tempo antes das eleições, a Globo colocou ao ar duas novelas: *Que rei sou eu?*, de Cassiano Gabus Mendes, às 19 horas; e *O salvador da pátria*, de Lauro César Muniz, às 21 horas. Embora não haja pesquisa que comprove tal fato, as novelas faziam alusões aos dois candidatos: enquanto a novela das sete era apontada como alavanca na eleição de Fernando Collor, ao mostrar na ficção a esperança do Brasil em um novo líder, jovem e com vontade de implementar muitas mudanças, na novela das oito, *O salvador da pátria*, o personagem do analfabeto manipulado por políticos pode ter sido usado como propaganda contra a figura de Luiz Inácio Lula da Silva (NEVES, 2000, p. 54).

Contudo, assim como uma emissora pode lhe colocar em um pedestal, ela também tem o poder de arruinar a sua imagem em frente a população, e foi isso que a Globo fez, principalmente com a força do movimento histórico conhecido como caras-pintadas.

A emissora de Roberto Marinho tentava não falar nos movimentos que pediram o impeachment do presidente, além de evitar mostrar a indignação da classe jovem sobre o Plano Collor, que congelou os saques da caderneta de poupança, conta corrente e aplicações financeiras em 1990. Apesar de tudo, eles acabaram apoiando estes movimentos, principalmente por ter o presidente ter tirado a propaganda governamental da emissora e congelado a concessão para as emissoras, além de sentirem a pressão do público.

Porém, apesar das manipulações que acompanham o jornalismo desde o princípio, o telejornalismo é um dos gêneros mais importantes do meio jornalístico e o que também demanda mais tempo de produção. Afinal, são diversas imagens que serão usadas para construir uma reportagem que precisa ser de extrema importância e de interesse da maioria do público. Até porque, sem audiência nenhum programa de televisão funciona. Por isso a importância de abordar e informar um conteúdo que chame a atenção de quem está assistindo.

Alexandre Carvalho, Fábio Diamante, Thiago Bruniera e Sérgio Utsch (2010), discutem a importância do interesse do público em seu livro. No início do assunto, eles fazem uma pergunta e ao mesmo tempo, respondem ela: “Vamos cobrir por causa da audiência? Sim e não”. Agora, por que pautar apenas assuntos que são ou não interesse do público? Os autores respondem a resposta dessa pergunta:

Não podemos nos pautar apenas por aquilo que é de interesse do público. Se assim fosse, bastaria gastarmos alguns milhares de reais em pesquisas para descobrirmos o que o telespectador deseja e entregar diariamente para ele. O telejornal teria boas chances de conquistar audiência. Informar, porém, vai além de uma relação de consumo. O bom telejornal é aquele que responde, sim, às expectativas do telespectador, mas que também possibilita que ele levante novos questionamentos, perceba que há outras formas de ver a notícia em questão. Ou seja, não podemos estar desconectados daquilo que importa ao público. mas devemos nos perguntar sempre se o assunto que interessa ao público é de interesse público (CARVALHO ET ALL, 2010, p. 18 e 19).

Eles nos apresentam uma visão mais ampla e diferenciada de como é de fato trabalhado a questão de abordar um tema que seja de interesse público. Ressaltando que pesquisar o que o público quer saber não é a única ferramenta utilizada para tirar essa dúvida, mas pesquisar coisas que seja de interesse público e que o telespectador não tenha essa informação pois ele não pensou nessa questão. Essa é uma dica bastante estratégica e que pode diferenciar um telejornal de um canal para outro, por ter uma ideia peculiar nunca pensada antes e que pode trazer um novo público para o programa.

Além de apresentar essa dica, eles dão um exemplo muito reflexivo sobre como os jornalistas podem pensar em ideias para suas pautas. Por exemplo, um acidente aéreo é um fato, infelizmente triste, mas de interesse público na qual as pessoas comentam bastante, principalmente após saber a gravidade dele. Mas qual o papel do jornalista nisso? Será apenas informar o fato? Para os autores não! A ideia que eles passam é exatamente abrir debates sobre o tema. Debates que o público talvez sinta necessidade em saber, mas nunca havia parado para refletir sobre. E infelizmente, situações como essa, por exemplo, nos fazem pensar em opções que diariamente não havia sido pensado antes.

[...] É nosso dever trazer para o debate as causas do acidente, o tamanho da tragédia, as medidas que deveriam ter sido tomadas para diminuir os riscos, as responsabilidades de quem gerencia o sistema e de quem ganha dinheiro com o negócio. É nossa responsabilidade trazer as condições do transporte aéreo no Brasil. E precisou ocorrer um acidente para descobrirmos isso? [...] Sim, precisou. Fomos engolidos pelo fato. Mais que isso. [...] nos mostrou que não só sabíamos de uma série de problemas no sistema aéreo brasileiro como escancarou a nossa falta de preparo para cobrir o setor (CARVALHO ET ALL, 2010, p. 19).

Um fato como esse alerta aos jornalistas que nada é pensado antes do fato, apenas depois. Mas, exemplos como esse podem alertar aos profissionais que comecem a pensar assim: muito além daquilo que é visto, mostrado. Afinal, jornalismo é usado como uma espécie de voz para o mundo. A informação passada pela TV não apenas relata, mas exhibe provas do que está sendo informado.

A reportagem televisiva carrega o poder de sensibilizar e, assim, mobilizar o público alvo, diante do assunto abordado. O bom enquadramento do acontecimento depende da documentação, mapeamento das fontes e verificação dos fatos. A bagagem cultural do profissional jornalista deve ser deixada de lado para a construção de uma reportagem sem lados.

(...) Jornalistas não são sacerdotes nem se espera que sejam militantes de causa alguma. Dessa não-militância é que se resulta sua competência moral para o desafio. Devem desenvolver uma persona profissional tal que - a despeito de crenças e valores pessoais, compromissos de classe e cultura - possam registrar os fatos e as ideias do nosso tempo com honestidade, concedendo à fonte o direito de ser como é e ao público o direito de escolher de que lado ficar (LAGE, 2001, p. 170).

A televisão que ainda é considerada um fenômeno de massa que atinge a maior parte do público e tem grande impacto social carrega a transmissão visual pesando mais do que palavras, daí a conquista do público. O interesse pela informação rápida, resulta na cobrança ética dos profissionais jornalistas. O simples “cumprir ordem” devido à hierarquia dentro das redações podem resultar em um trabalho sem apuração e, conseqüentemente, antiético.

A pluralidade de veículos de comunicação nos dias atuais permite várias versões sobre determinado fato, e o simples “omitir” algo acarreta na perda da credibilidade. O furo de reportagem e os interesses do grupo não podem anteceder assuntos de utilidade pública.

A sociedade espera que a ação jornalística não se vincule a algum interesse particular, e pune com a perda da credibilidade os veículos que se distanciam do interesse público e se atrelam a este ou aquele particularismo. E a prova mais evidente para o telespectador é a livre divulgação dos conflitos particulares. Os interesses conflitantes precisam ser amplamente conhecidos para que haja uma remodelação constante da opinião pública, que se manifesta no sistema democrático (BARBEIRO, 2002, p. 36).

2.3. Produção de reportagem

Pensar que a reportagem investigativa da Rede Globo sobre os “Guardiões do Crivella”, um grande esquema para “desmentir” informações verídicas da emissora com autor principal o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, demorou meses para recolher informações, fazer levantamento de dados, consultar fontes e até mesmo, tentar contato com a prefeitura do Estado parece surreal para qualquer telespectador.

Mas, na realidade, uma reportagem aprofundada e objetiva tarda até mais tempo do que isso, tanto por causa do veículo de comunicação que o jornalista trabalha ou as etapas que ele precisa submeter para ser transmitida ou publicada.

Primeiro, devemos entender que a reportagem nasceu da necessidade de chamar a atenção do cidadão, com títulos chamativos e uma linguagem mais próxima do cotidiano. Os repórteres são em geral, ‘temidos’, pela forma como divulgam informações sigilosas que um órgão ou pessoa específica tenta esconder.

Porém, a elaboração desta reportagem começa da pesquisa investigativa do repórter sobre algum acontecimento - atemporal ou factual - que possa ser crucial para a sociedade, mesmo depois de tanto tempo. A maneira como o jornalista quer retratar a matéria também é importante, visto que, ele deve se perguntar: quem quero atingir com essa matéria? qual é o meu público-alvo?

A inspiração na oralidade propicia à TV comunicar-se com uma vasta camada do público receptor, mas, para consegui-lo, esta é a forçada a uniformizar a sua linguagem. A qualidade alcançada - a compreensão imediata do público - tem, como contrapeso, as deficiências próprias de uma limitação linguística, consequência que atinge principalmente os programas de maior audiência (REZENDE, 2000, p. 25).

É nesta pesquisa que começa a ser formada a pauta ou mais conhecido como ‘norte’ do repórter na sua matéria. Nilson Lage (2001, p. 15) explica que a

pauta é a preparação de todo trabalho jornalístico.

É o planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editoriais - de cidade, política, política, economia etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc (LAGE, 2001, p. 15).

Ou seja, seria uma predefinição do que haverá na reportagem: a sinopse, o direcionamento, as fontes e os seus respectivos contatos, indicações de locais para gravações, dicas para o cinematográfico e repórter, etc. É praticamente a construção da reportagem, só que em diversas folhas de papel.

Mas é necessário entender que, nem sempre a pauta vai dar certo, ela pode cair ou até mesmo, ter diversas mudanças na sinopse ou no seu direcionamento, ela não está sujeita 100% a seguir de acordo com o documento. Imprevistos acontecem e podem fazer com que o roteiro seja alterado. Por isto, em muitos dos casos, é necessário usar a criatividade para montar uma fala no momento ou dizer para onde a câmera deverá apontar, pois uma reportagem tem o objetivo de resgatar a realidade da ótica da população.

É claro que o êxito de uma pauta depende essencialmente de quem a executa. O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos (LAGE, 2001, p. 15).

Após a pauta ter sido aprovada pelo veículo de comunicação, em especial, pelo editor-chefe com supervisão do próprio jornalista - salienta-se que ocorrerá um brainstorming de ideias, onde a direção aponta mudanças na pauta para que ela caiba no formato pretendido - é necessário procurar pelas fontes,

marcar entrevistas, planejar locais para a gravação, consultar com a edição quais momentos das filmagens devem ser cortados, além de outras instruções fundamentais como auxílio ao cinematógrafo sobre quais cenas precisa transmitir, por exemplo.

Os fatos que levam à escolha da pauta, muitas vezes não são de observação direta, isto é, as informações são passadas por terceiros (instituições, documentos e/ou personagens) que presenciaram o evento e, portanto, tem propriedade para falar sobre ele. Cabe à estes o nome de “fonte”. As fontes jornalísticas são de extrema importância para a construção da matéria, através da percepção e interpretação do jornalista.

A percepção da realidade, sua transformação em modelos mentais (grosseiramente, no E1 do esquema de Gerbner) e, depois, em proposições lingüísticas, fotografias ou imagens editadas em movimento, não é tarefa de um só homem. Ela começa exatamente na fonte, que formula uma primeira representação que será levada adiante. Cada indivíduo da cadeia informativa entende a realidade conforme seu próprio contexto e seu próprio estoque de memória. (LAGE, 2001, p. 23).

As respostas das fontes de informação acabam se baseando em como elas veem a figura do repórter, levando em conta a relevância para o público, do que se é tratado. Nilson Lage classifica as fontes em 3 categorias, são elas: (a) Fontes oficiais, oficiosas e independentes, (b) primárias e secundárias e (c) testemunhas e experts. As fontes oficiais (mantidas pelo Estado) são comumente dadas como as mais confiáveis, o que pode não ser real.

Na prática, o jornalista age de forma intermediária, com o compromisso de valorizar a informação, utilizando as fontes como um instrumento para esclarecimento dos fatos para o seu público - leitor, espectador e ouvinte - na reconstituição dos fatos. O boom da era da informação influenciou até no contato de apuração dos envolvidos, podendo ocasionar em vazio de credibilidade.

O diálogo estabelecido para troca de informações, no processo de pesquisa, é conhecido como “entrevista”. Esta, por sua vez, também fora alterada pela chegada do telefone e da internet. Se mudam os hábitos, mudam as formas que acontecem os processos. O Feedback de uma troca física diante da percepção dos sentidos traz uma maior espontaneidade e segurança para o que é dito.

(...) O resultado do encontro entre duas pessoas depende bastante da avaliação que uma faz da maneira como a outra está recebendo suas mensagens. A proximidade física permite uma aferição de resposta - um feedback - rápido, visual e auditivo, corriqueiro, a que nos acostumamos desde pequenos e que nos dá maior segurança. Os modelos de comunicação valorizam o efeito do ambiente partilhado pelos interlocutores e a que, numa conversa à distância, eles têm acesso parcial - limitado, no caso do computador, pela proximidade da câmara e sua imobilidade. (LAGE, 2001, p.36).

A conversa com o entrevistado não pode deixar dúvidas, desde o seu relato até a ambientação da matéria. O que diferencia uma matéria corriqueira de um jornal, para uma produção de reportagem especial é o olhar e tratamento diferenciado daquilo que vai ser retratado. Alexandre Carvalho (2010) afirma que a confusão que precisamos evitar, no final das contas, é pensar que, onde há informação, há jornalismo.

Após todo esse processo, é hora de dar início à reportagem, que é claramente a construção de tudo o que se trata a matéria seguindo todo o planejamento do roteiro. Nessa ação, o repórter e o produtor trabalham juntos para melhor desenvolver a matéria em questão. Além disso, é importante a participação do editor, afinal, é ele quem irá determinar o destino da reportagem.

O editor precisa ficar por dentro de tudo o que está acontecendo durante o processo da reportagem. Então, é comum que ele pergunte frequentemente do jornalista como está o desenvolvimento da matéria. Assim, é possível que o editor

junto com o jornalista define pontos importantes da reportagem, como, linguagem, enquadramento, imagens de apoio, cenários que serão utilizados etc.

Ele tem um papel importante nisso, que claramente não é controlar a reportagem, mas ajudar da melhor maneira em sua construção. Os autores Alexandre Carvalho, Fábio Diamante, Thiago Bruniera e Sérgio Utsch (2010), ressaltam essa afirmação.

O editor está ali para ajudar, acrescentar. A postura mais fria em relação a matéria permite eliminar excessos ou apontar falhas de conteúdos. Ele é o último filtro antes da informação ir ao ar. Mas o texto é do repórter e ponto. Em uma reportagem especial, então, é impensável, inadmissível que o repórter o delegue a outro ou se exima de escrever (CARVALHO, ET ALL, 2010, p. 44).

A parte fundamental da construção da reportagem é o texto. Ainda mais quando se trata de telejornalismo, apresentando sempre uma linguagem simples e buscar entregar tudo sempre mastigado para que o telespectador compreenda o que está sendo dito na matéria. Além das duas dicas acima, os autores apresentam regras fundamentais para a melhor construção do texto televisivo: “1) arredondar números pode ajudar a facilitar a compreensão; 2) escolha palavras do dia a dia, comuns a todos; 3) evite gírias e linguagens técnicas; 4) construa frases, de preferência, na ordem direta: verbo, sujeito e predicado; 5) atenção com precisão”.

[...] Muitas vezes é melhor dizermos “seis em cada dez pacientes...” e não 61% dos pacientes [...] “droga” ao invés de “entorpecente”; “morte” no lugar de “óbito”; “preso” e não “detento”. Simplifique sempre. Troque “a defesa civil notificou a família sobre o risco de desabamento” por “a defesa civil avisou a família do risco de desabamento”. [...] Evite chavões como “o bom velhinho”, “a chuva deu uma trégua”, “correr atrás do prejuízo”, “a festa não tem hora para acabar”. Isso empobrece o texto. [...] Raio não cai, atinge; um juiz não acata um apelido, ele acolhe ou aceita; se algo subiu de 10 para 30, não subiu três vezes e sim duas [...] vítima fatal não existe, fatal é o que mata a vítima. Uma lei não prevê nada, estabelece. [...] Essas regrinhas constam na maior parte nos manuais de telejornalismo e nos deixam mais atentos ao escrever (CARVALHO ET ALL, 2010, p. 50 e 51).

A passagem seria uma parte fundamental dentro de uma reportagem telejornalística. Isso porque “a presença do repórter no vídeo chama a atenção do telespectador”, pois “a passagem costuma trazer a informação mais importante da reportagem” e também “é usada para fazer um corte de tempo ao longo da reportagem ou para destacar uma informação que não tinha uma imagem correspondente”. Palavras dos autores Alexandre Carvalho, Fábio Diamante, Thiago Bruniera e Sérgio Utsch (2010), que ressaltam também a importância da tonalidade da voz que “deve ser de uma conversa”.

A passagem pode acontecer de duas maneiras, mas isso vai depender muito se a matéria será diária ou especial. Segundo os autores, as matérias diárias há somente uma passagem. Já as especiais, por ter um tempo maior, a presença do repórter é maior, ou seja, ele pode aparecer mais de uma vez. Mas é claro que, tanto uma passagem quanto um off necessitam que o ambiente esteja condizente com o que está sendo abordado.

Por fim, e não menos importante, a edição, que é a parte mais trabalhosa e que exige atenção aos detalhes da reportagem. Seguindo o roteiro, deve-se prestar bastante atenção aos cortes que serão feitos. Normalmente, no roteiro, as falas dos entrevistados já estão separadas, pois passaram por um processo de decupagem. Onde o repórter e o editor definem o que é importante na fala do entrevistado.

Além de claro, o uso de imagens de apoio, passagens, efeitos, filtros, mudança nos textos, etc. Os autores contam um pouco do processo de edição:

[...] a garantia do equilíbrio muita das vezes está nas mãos do editor. Nas grandes redações, repórter e editor caminham juntos na produção das reportagens especiais. O diálogo constante permite que o produto final tenha um eixo claro. O trabalho começa já no encaminhamento da reportagem, ou seja, de onde vamos partir e aonde vamos, o que é discutido no desenrolar da produção. (CARVALHO ET ALL, p. 65).

A produção é a parte mais importante de uma reportagem televisiva. Como foi apresentado, ela exige muita atenção aos detalhes que são atenciosamente trabalhados durante todo o processo.

RELATÓRIO TÉCNICO

APRESENTAÇÃO DO TEMA

Na internet, fala-se muito na ‘cultura do cancelamento’ e sobre quem não devemos consumir, em vista do seu comportamento errático no seu dia-a-dia ou nas redes sociais. Às vezes, um comentário que parece inofensivo na mente do indivíduo, é como se fosse um “ataque” aquela comunidade ou grupo. A partir deste contexto, essa comunidade se junta com o objetivo de parar o consumo do material desta pessoa ou empresa.

Por exemplo, a autora J.K. Rowling ficou extremamente famosa por conta da sua saga ***Harry Potter***, que até hoje, tem milhares de fãs, contudo, a partir de uma série de *tweets* transfóbicos da autora, a internet uniu-se para cancelar a autora. Muitas pessoas se dizem decepcionados pelas atitudes de J.K., até mesmo, os próprios atores da série postaram comentários em apoio a comunidade trans e repudiando os comentários.

Então, a cultura do cancelamento é algo que pode ter duas vertentes: positivas e negativas. No caso das negativas, às vezes, um comentário é pego por um internauta e interpretado errado. Isso resulta em ataques virtuais ao autor do post original, além de desencadear diversos problemas psicológicos como a depressão e a reclusão.

Portanto, neste trabalho optamos por mostrar como o cancelamento é realizado e quais são as consequências dele na saúde física e mental do indivíduo, além de relatar qual é a influência das redes sociais nesses usuários e ao final dele, faremos um balanço se essa cultura é positiva ou negativa.

JUSTIFICATIVA

A interação nas redes, diante de assuntos pertinentes, muitas vezes resulta na chamada *cultura do cancelamento*, que é um assunto muito vasto na

internet. Hoje em dia, ela possui esse nome, mas antigamente era apenas “ignorar” ou “excluir” o cidadão do seu círculo social. A forma como as pessoas “cancelam” as outras por ventura, com xingamentos e palavras de baixo calão, é algo que deveria interessar aos indivíduos, pois, apesar das pessoas estarem erradas e se prontificarem a reparar aquele erro, ainda assim, os internautas querem apagar qualquer coisa que seja relacionado à vida desta celebridade na internet, de forma que ela se torna invisível.

Além disso, as perguntas **por que? como? o que?** são necessárias neste caso, pois quais são os motivos que levam uma pessoa a ser cancelada, como isso ocorre, quem está inserida no contexto para ser invisibilizada e principalmente, como as redes sociais são usadas nestes casos.

OBJETIVOS DA REPORTAGEM

- Apresentar, por meio de reportagem em vídeo, como o assunto abordado é de extrema delicadeza e trata-se de um assunto de interesse público;
- Debater a importância do cuidado com a liberdade estabelecida pelas mídias digitais;
- Discutir os pontos que abrangem a sociedade do controle, estabelecida no mundo cibernético.

PÚBLICO-ALVO

Nesta reportagem, o público-alvo dela seriam pessoas entre 15-25 anos que tenham acesso à internet e principalmente, estejam inseridas nesse contexto das redes sociais (segundo dados da TIC Domicílios, o Brasil ultrapassou os quatro pontos percentuais de 2018, chegando em 74% de indivíduos que têm internet em casa).

EDITORIA	TELEJORNALISMO
REPÓRTER	EDUARDA VITÓRIA
GÊNERO	POLÍTICA
RETRANCA	REDES SOCIAIS
TEMA	CULTURA DO CANCELAMENTO
INFORMAÇÕES	<p>A Cultura do Cancelamento, tema desta pauta, é uma questão social - e virtual - que vem acontecendo nos últimos três/quatro anos. A ação de “cancelar” alguém nas redes sociais por uma atitude não muito aceitável, vem tomando conta da internet. Perguntar de uma psicóloga quais as consequências disso tanto para alguém que está cancelando; quanto para quem está sendo cancelado; discutir com um historiador se isso aconteceu ao longo dos anos e como acontecia; tirar dúvidas com um advogado quais as penalidades judiciais para quem é atacado nas redes sociais; e por fim, entrevistar pessoas que passaram por essa situação e pessoas que foram os causadores do cancelamento.</p>

ENREDO	Começar conceituando sobre a cultura do cancelamento para o público, colocando prints ou imagens de apoio (pode ser de pessoas conversando ou no celular). Logo em seguida, mostrar relatos de vítimas que sofreram com ataques virtuais (usar uma situação como exemplo). No decorrer da matéria, aprofundar utilizando diversos lados sobre outras situações semelhantes que também façam parte do assunto.
SUGESTÃO DE IMAGENS	Imagens de pessoas conversando ou usando o celular, usando as redes sociais e dialogando. Prints retirados das diversas mídias digitais que possuam o contexto do cancelamento, além de passagens da repórter no Largo São Sebastião, em um hospital e no Fórum Henoch Reis.

FONTES

Em volta do tema delicado e polêmico, escolhemos profissionais que pudessem transmitir conhecimento e uma visão judicial, social e psicológica, além de entrevistas com digitais influencers, ativistas político-sociais e pessoas que estão engajadas neste universo das mídias digitais.

Psicólogo Alexandre Cavalcante, Produtor Gabriel Diniz, Ativista Gabriel Mota, Advogada Thalita Lindoso, Digitais Influencers Juliana Larrat, Beatriz Araújo e Paulo Soares, Sociólogo Eudes Lopes.

ROTEIRO

MATÉRIA GRANDE REPORTAGEM EM VÍDEO

PRODUÇÃO: JUNIOR NASCIMENTO E TIAGO GOMES

REPÓRTER: EDUARDA VITÓRIA

IMAGENS: JUNIOR NASCIMENTO E TIAGO GOMES

EDIÇÃO: ERICKSON ANDRADE

ROTEIRO E DIREÇÃO: JUNIOR NASCIMENTO E TIAGO GOMES

GERENTES DE CONTEÚDO: EDUARDA VITÓRIA, JUNIOR NASCIMENTO E TIAGO GOMES

OFF 1: "CANCELAMENTO" É UM NOVO TERMO CRIADO PARA EXCLUIR PESSOAS DA SOCIEDADE// QUEM É "CANCELADO"/ PASSA A SER ISOLADO DE TODOS/ IGNORADO PELA MAIORIA// PELO SIMPLES FATO DE TER DITO OU FEITO ALGO ERRADO/ O QUE NOS DIAS DE HOJE NÃO É MAIS TOLERADO// O "CANCELAMENTO" PODE SER TEMPORÁRIO OU PODE DURAR POR UM LONGO PERÍODO/ DEPENDENDO MUITO DA SITUAÇÃO// GERALMENTE/ A PESSOA "CANCELADA" PERDE PATROCÍNIOS/ STATUS/ PARCERIAS/ TENDO SUA CARREIRA PROFISSIONAL CONGELADA///

EDIÇÃO: IMAGENS DE PESSOAS CONVERSANDO OU USANDO O CELULAR + PRINTS DE COMENTÁRIOS DE CANCELAMENTO NAS REDES SOCIAIS (PODE USAR IMAGENS DA INTERNET).

MÚSICA: DUA LIPA, ANGÈLE - Fever

(Instrumental) <https://www.youtube.com/watch?v=uSmeDpbo3-8>

PASSAGEM 1: ESSAS AÇÕES FAZEM COM QUE O INDIVÍDUO PASSE A SER EXCLUÍDO DO SEU CÍRCULO SOCIAL/ PODENDO DESENVOLVER PROBLEMAS PSICOLÓGICOS QUE PODEM ACARRETAR EM DEPRESSÃO E O ISOLAMENTO// AS REDES SOCIAIS TÊM UM PAPEL IMPORTANTE NA CHAMADA "ERA DO CANCELAMENTO"/ POIS ELAS QUE PROPAGARAM O TERMO E TAMBÉM O SEU USO///

MAS O QUE O "CANCELAMENTO" PODE TRAZER ALÉM DE INTERFERÊNCIAS NA CARREIRA PROFISSIONAL?// QUAL O PAPEL PRINCIPAL DA "ERA DO CANCELAMENTO" NA SOCIEDADE?// ALÉM DA DEPRESSÃO/ QUE TIPO DE

PROBLEMAS DE SAÚDE UMA PESSOA PODE TER?//E O QUE FAZ UMA PESSOA CANCELAR ALGUÉM POR QUALQUER ERRO?///

LOCAL: LARGO SÃO SEBASTIÃO

VINHETA

OFF 2: NESSA REPORTAGEM/ NÓS ENTREVISTAMOS ALGUNS DIGITAIS INFLUENCERS QUE CONTARAM RELATOS DE SUAS EXPERIÊNCIAS COM O "CANCELAMENTO"// JULIANA LARRAT/ EX-PARTICIPANTE DE DUAS EDIÇÕES DO REALITY AMAZONENSE 'PELADÃO A BORDO'/ EXPÕE SUA OPINIÃO SOBRE O TERMO///

ANTES DE EXIBIRMOS A ENTREVISTA/ RESSALTAMOS AQUI QUE DURANTE A PRODUÇÃO DA MATÉRIA/ POR CONTA DA DISSEMINAÇÃO DA COVID-19/ TODA A EQUIPE USOU MÁSCARA E ÁLCOOL EM GEL///

EDIÇÃO: IMAGENS DOS ENTREVISTADOS.

SONORA (ENTREVISTADO) - **DIGITAL INFLUENCER JULIANA LARRAT.**
“(01:43) O Cancelamento, eu acho ele desnecessário. Porque você cancelar uma pessoa por uma atitude errada dela, é desnecessário. Porque as pessoas podem mudar, podem evoluir. Tá certo que você pode dar uma opinião construtiva (01:54), (01:56) agora cancelar e ofender, eu não concordo com isso (01:59). (02:11) Você dá sua opinião, você trabalha com o público. Você está sujeito a essas coisas, né. A ouvir opiniões, mas opinião é diferente de ofensa e as pessoas confundem um pouco disso. Elas ofendem e no final falam “é só minha opinião (02:25). (02:41) Você deu um deslize, você é cancelado para sempre. As pessoas sempre vão lembrar daquele erro que aconteceu (02:46). (02:58) As pessoas não tem noção do efeito psicológico que isso causa em alguém (03:02). (03:05) Mas isso gera algo muito maior na mente da outra pessoa que está sendo cancelada (03:10)”

OFF 3: JULIANA/ RELATA QUAL FOI SUA REAÇÃO APÓS SOFRER UM CANCELAMENTO DEVIDO SUAS ATITUDES DENTRO DO PROGRAMA///

EDIÇÃO: IMAGEM DE JULIANA LARRAT.

SONORA (ENTREVISTADO) - **DIGITAL INFLUENCER JULIANA LARRAT.**
“(01:11) Foi por uma briga, né, com uma outra garota que estava participando. E aí, a torcida dela (01:16) (01:21) comprou a briga e (01:22) (01:25) foi muito ruim (01:26). (00:38) As pessoas não tiveram nenhum tipo de filtro pra falar nada (00:40).”

OFF 4: FOMOS PARA A RUA PERGUNTAR SE AS PESSOAS SABEM O QUE É O CANCELAMENTO E QUAL A OPINIÃO DELAS A RESPEITO DISSO///

ENQUETE COM A POPULAÇÃO: VOCÊ SABE O QUE É CULTURA DO CANCELAMENTO

MÚSICA: ARIANA GRANDE - 34+35 (INSTRUMENTAL)
<https://www.youtube.com/watch?v=gOc0qxYzD1o>

SONORA (ENTREVISTADO) **MARIA ALBERTINA, 20, ESTUDANTE (00:06) - (00:45).**

SONORA (ENTREVISTADO) **BRIDHA VITÓRIA, 17, ESTUDANTE (00:02) - (00:28).**

SONORA (ENTREVISTADO) **HERMAN DECKER, 28, ESTUDANTE (00:03) - (00:26).**

SONORA (ENTREVISTADO) - **PROFESSOR E SOCIÓLOGO EUDES LOPES FALANDO SOBRE A INFLUÊNCIA DO ATO DE CANCELAR NO COMPORTAMENTO HUMANO.**“(00:34) Influência de algumas formas. Uma delas é que as pessoas que, por um lado, estão participando e agindo como constrangedores, por assim dizer, fica aquela ideia de que essas pessoas estão fazendo justiça (01:13). (01:27) Por outro lado, pelo lado das pessoas que estão sofrendo o tal cancelamento, elas podem estar em uma

situação de constrangimento e ao mesmo tempo, esse constrangimento pode ser até injusto porque não houve, a priori, uma averiguação real da situação, muitas vezes, porque pode acontecer do cancelamento diante de uma informação mal versada e aí, você pode ter uma situação de justiça: ao mesmo tempo, você pode sofrer um constrangimento em decorrência de uma situação que muitas vezes não fez ou não teve a intenção de fazer **(02:31) (02:35)** uma dissertação em decorrência da acusação **(02:40)**".

PASSAGEM 2: A GENTE VAI FALAR AGORA COM O GABRIEL DINIZ/ PRODUTOR MUSICAL E INTEGRANTE DO DUO "CYBER KILLS"/ QUE JÁ TRABALHOU COM ARTISTAS COMO PABLO VITTAR E KAYA CONKY// ENTÃO/ GABRIEL/ QUAL SUA VISÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NESSE CONTATO COM O PÚBLICO?///

LOCAL: ESTÚDIO ESPAÇO MODAS.

SONORA (ENTREVISTADO) - **PRODUTOR GABRIEL DINIZ.** "**(00:50)** É essencial para você conquistar qualquer coisa **(00:56)**. **(01:01)** E como tudo hoje em dia acontece na internet, você tem que estar presente **(01:07)**. **(01:09)** Até pra você conseguir transmitir essa vontade de conseguir dar voz ao que você quer falar, né **(01:20)**. **(01:43)** Tudo o que a gente conseguiu foi pela internet e tudo que a gente tem conquistado também tem sido pela internet **(01:49)**. **(03:36)** A gente tem a conta do cyber kills e a nossa conta pessoal, né. E assim, cada vez menos tender a expor menos opiniões para preservar a imagem da gente **(03:51)**. **(04:17)** Então, tudo tem que ser na base do respeito **(04:19)**"

PASSAGEM 3: O TERMO "CULTURA DO CANCELAMENTO" FOI CRIADO NAS REDES SOCIAIS/ MAS TEM PESO MAIOR NA VIDA PESSOAL DO INDIVÍDUO// UM DESLIZE E VOCÊ PODE TER SUA VIDA DIGITAL ARRUINADA// ISSO PODE TRAZER SÉRIOS RISCOS À SAÚDE MENTAL DE QUEM ESTÁ SENDO CANCELADO E ATÉ MESMO AO CANCELADOR// O PSICÓLOGO ALEXANDRE CAVALCANTE EXPLICA COMO ISSO PODE AFETAR ALGUÉM///

LOCAL: EM FRENTE A UM HOSPITAL.

SONORA (ENTREVISTADO) - **PSICÓLOGO ALEXANDRE CAVALCANTE.**

"(03:47) O cancelamento sempre existiu. Ele sempre foi um tipo de retaliação. Uma maneira como as pessoas encontram de desqualificar o outro (03:59). (04:05) Agora no ambiente digital, nós precisamos pensar que essas pessoas podem estar em um dia ruim. E dessa maneira, sofrer as consequências por um conteúdo mal trabalhado e ao mesmo tempo desenvolver sintomas como ansiedade, depressão e estresse (04:21).

(04:35) E da mesma forma, isso também pode trazer comprometimentos afetivos, distanciamento das amizades. Parece que cada vez mais, as pessoas (04:44) (04:46) elas assimilam para sua vida externa conceitos da vida digital (04:51)"

EDIÇÃO: USAR PLANOS DETALHES EM ALGUNS MOMENTOS DA SONORA.

SONORA (ENTREVISTADO) - **DIGITAL INFLUENCER JULIANA LARRAT.**

"(00:42) Quando é relacionado a aparência, eu acho que incomoda um pouco mais. Pelo menos comigo isso aconteceu bastante. Tipo, quando eu saí tinha várias montagens, várias coisas horrorosas e isso foi bem ruim pra mim, foi um impacto psicológico muito forte. Tanto que eu fiz acompanhamento psicológico depois. Me afastei das redes sociais. E agora, depois de três anos que eu voltei assim de fato a mexer nas redes sociais (01:05)."

EDIÇÃO: FOCAR EM PLANOS DETALHES.

OFF 6: PAULO SOARES/ LGBT/ DIGITAL INFLUENCER E DJ/ FALA SOBRE O QUE ACHA DESSE CANCELAMENTO VIRTUAL E O SEU GRAU DE NECESSIDADE///

EDIÇÃO: IMAGEM DE PAULO SOARES.

SONORA (ENTREVISTADO) - **DIGITAL INFLUENCER PAULO SOARES.**

"(01:52) Eu acho que essa cultura do cancelamento é uma das piores coisas que já aconteceram na internet (01:56) (02:07) porque as pessoas não procuram ensinar, reeducar. Dependendo do ponto de vista de quem foi cancelado. Por exemplo, se a pessoa foi cancelada por uma fala racista ou transfóbica. As pessoas não ensinam, explicar isso. Elas cancelam e daí você não pode mais ter vida. Talvez isso seja um pouco problemático (02:25)"

OFF 7: O PROFESSOR E ATIVISTA LGBT/ GABRIEL MOTA/ JUNTO COM OUTRAS PESSOAS QUE FAZEM PARTE DA COMUNIDADE/ REALIZARAM EM 2019 A PRIMEIRA PARADA LIVRE LGBTQIA+// APESAR DA IDEIA TER TIDO UMA BOA INTENÇÃO/ FOI ALVO DE ATAQUES// ELE CONTA MAIS DETALHES DO OCORRIDO///

SONORA (ENTREVISTADO) - **PROFESSOR E ATIVISTA LGBT GABRIEL MOTA FALANDO.** "(00:04) Várias forças políticas, inclusive forças daqui do partido PCDoB. A gente mobilizou e fez a Parada Livre LGBT, que de fato queria fazer uma caminhada em algumas ruas da cidade na região do centro. E assim aconteceu a primeira Parada Livre (00:17). (00:21) Fui mobilizador, mas ela aconteceu graças à outras forças e ativistas que somaram na luta. E sim, teve ataque. Inclusive no dia houve uma denúncia e todas as pessoas que estavam organizando tiveram que ser isoladas para não serem expostas (00:38)."

OFF 8: MAS DE ONDE VEM ESSES ATAQUES?// TWITTER, FACEBOOK E INSTAGRAM SÃO AS PRINCIPAIS REDES SOCIAIS COM ÍNDICES DE "LINCHAMENTO VIRTUAL"// OS USUÁRIOS UTILIZAM COMENTÁRIOS ANTIGOS OU VÃO EM BUSCA DE ALGO QUE JUSTIFIQUE SEU ARGUMENTO// POR ISTO/ PERGUNTAMOS DOS NOSSOS ENTREVISTADOS QUAIS REDES SOCIAIS ELES SENTEM A MAIOR PRESENÇA DO CANCELAMENTO///

EDIÇÃO: IMAGENS DE USUÁRIO UTILIZANDO NO TWITTER + IMAGENS DOS ENTREVISTADOS: GABRIEL DINIZ, JULIANA LARRAT, PAULO SOARES E BEATRIZ ARAÚJO.

ENQUETE COM A POPULAÇÃO: VOCÊ ACHA QUE AS REDES SOCIAIS TEM GRANDE INFLUÊNCIA NOS JULGAMENTOS?

MÚSICA: ARIANA GRANDE - 34+35 (INSTRUMENTAL)
<https://www.youtube.com/watch?v=gOc0qxYzDlo>

SONORA (ENTREVISTADO) **CLÁUDIA TEREZA, 48, ASSISTENTE SOCIAL (00:25) - (00:39)**

SONORA (ENTREVISTADO) **MAYKON GOMES, 30, AUTÔNOMO (00:34) - (00:39)** .

SONORA (ENTREVISTADO) **HELDER BARROS, 52, MICROEMPRESÁRIO (00:18) - (01:08)** .

SONORA (ENTREVISTADO) - **PRODUTOR GABRIEL DINIZ. "(02:24)** O instagram não é muito pra isso não, acho que o instagram não funciona nesse aspecto. O facebook também não tem tanto alcance. Então, sobra o Twitter. Então, tudo acontece no Twitter **(02:39)**. **(02:44)** É muito instantâneo, né. Qualquer coisa que acontece, na mesma hora o pessoal lá no Twitter está metendo pau ou defendendo **(02:52)"**

SONORA (ENTREVISTADO) - **DIGITAL INFLUENCER JULIANA LARRAT. "(04:31)** Acho que o Twitter e o instagram. Twitter mais ainda, mas é o Twitter e o instagram **(04:37)**. **(04:45)** Porque é onde as pessoas têm menos filtros ainda, do que no instagram. Porque as pessoas falam, cancelam, comentam as publicações, mas no twitter, é bem mais pesado **(04:55)**.

SONORA (ENTREVISTADO) - **PROFESSOR E ATIVISTA LGBT GABRIEL MOTA FALANDO. "(07:34)** O twitter é o espaço em que as pessoas veem o que elas querem. Então, se ela não tem uma visão muito aprofundada do debate. Os 140 caracteres é o suficiente para ela detonar a vida de qualquer pessoa. E aí, se for de grande proporção, nem tenta apagar o incêndio se não piora **(07:51)"**

SONORA (ENTREVISTADO) - **DIGITAL INFLUENCER PAULO SOARES. "(05:57)** O Twitter, eu acho que de 2018 pra cá, a gente tem vivido uma era quase que insuportável. Eu acho que tudo tirado de contexto leva ao cancelamento. Tudo interpretado de forma errada leva ao cancelamento. E a internet meio que virou isso hoje em dia, né. A gente tem que ter muito cuidado com o que fala e como fala para não sofrer o cancelamento **(06:18)"**

OFF 9: CONHECIDA POR PRODUZIR VÍDEOS SOBRE MAQUIAGEM NO INSTAGRAM/ NEM BEATRIZ ARAÚJO ESCAPOU DE COMENTÁRIOS MALDOSOS NO AMBIENTE VIRTUAL///

EDIÇÃO: IMAGEM DE BEATRIZ ARAÚJO.

SONORA (ENTREVISTADO) - **DIGITAL INFLUENCER BEATRIZ ARAÚJO.**

"(06:12) Quando aconteceu meu cancelamento, porque um áudio meu estourou no tik tok. Criei um cheder, sabe aquele de jogar, tem dois irmãos e a mãe joga a cabeça dele no trigo, é a minha voz. Eu criei esse cheder no tik tok. E aí, estourou. A Boca Rosa fez, todo mundo. Marília Mendonça, Naiara Azevedo, enfim todo mundo fez. E era a minha voz e eu tenho direito autoral sobre a minha voz, e elas não estavam me marcando. E aí, eu pedi para que elas me marcassem porque era minha voz. E eu fui cancelada por pedir isso. As pessoas estavam falando que eu queria crescer em cima das outras. E falando coisas bem ruins, num nível, assim, muita gente falando. O cheder foi nacional. E aí, eu só pensava: "mano, eu não sou isso", e tentar não ver. Porque acho que a gente fica procurando, é muito pior, né (07:06)"

EDIÇÃO: USAR PLANOS DETALHES.

OFF 10: BEATRIZ FOI MAL INTERPRETADA E JULGADA POR EXIGIR DIREITO AUTORAL SOBRE SEU CONTEÚDO// JÁ GABRIEL MOTA/ APÓS SE POSICIONAR A RESPEITO DE UM ACONTECIMENTO QUE CHAMOU A ATENÇÃO DO PÚBLICO LGBT/ FOI CRITICADO MESMO APÓS REACENDER UM ALERTA SOBRE O ASSUNTO///

SONORA (ENTREVISTADO) - **PROFESSOR E ATIVISTA LGBT GABRIEL MOTA**

"(06:09) Um caso muito claro que eu poderia ter sido bem problemático, foi quando (06:14) (06:17) aquele rapaz foi agredido pelo 99 (06:19). (06:22) Nenhum assédio é aceitável (06:23). (06:25) Só que naquele momento a minha defesa era do gay (06:27) (06:29) e o que eu quis ter chamado a atenção naquele momento não era quem assediou mais, ambos estavam errados. Um porque agrediu e foi desproporcional e o outro, porque se for comprovado o assédio, o assédio não certo pra ninguém. E o que eu queria falar naquele momento é: enquanto

nós estamos atacando porque já existe uma antipatia sobre aquela pessoa que foi agredida (06:53) (06:55) os motoristas de aplicativo estavam na delegacia em bandos (06:58). (07:17) E eu vi vários retuítes (07:19) (07:21) Umas três ou quatro pessoas deram rt com comentários negativos. Inclusive, uma falou "olha, é candidato a vereador, professor e tá defendendo assediador" (07:33) (07:52) como subiu de quatro pessoas eu fui na dm, conversei, expliquei "isso não tá certo, não concordo, você tá divulgando uma imagem minha que não existe e você tem uma oportunidade aqui de mediar isso". E aí, eu consegui reverter a situação (08:04)"

SONORA (ENTREVISTADO) - **PSICÓLOGO ALEXANDRE CAVALCANTE.**
FALANDO O PORQUÊ DE UMA PESSOA SE SENTIR NO DIREITO DE JULGAR ALGUÉM. "FALA DO ENTREVISTADO"

SONORA (ENTREVISTADO) - **DIGITAL INFLUENCER BEATRIZ ARAÚJO.**
 "(02:36) Assim, eu acho que é importante, mas não como eles estão fazendo hoje em dia. Porque se você se expressa de uma forma errada na internet. Você nem quis dizer aquilo, mas você disse sem querer ou as pessoas interpretaram de uma forma errada. Você vai ser cancelado por algo que você nem quis dizer ou nem disse. Agora, se você faz uma coisa muito ruim (02:56), (03:04) mas alguém que não falou nada demais ou fez nada demais. As pessoas mudam, melhoram etc (03:10)"

SONORA (ENTREVISTADO) - **DIGITAL INFLUENCER PAULO SOARES.**
 "(02:26) Eu acho que a gente devia trabalhar essas pessoas para que elas não cometam mais esses erros (02:30)"

PASSAGEM 5: O QUE MUITOS AINDA NÃO SABEM É QUE AMEAÇAR/
 OFENDER A HONRA DE ALGUÉM E ATÉ MESMO ESPALHAR MENTIRAS NAS
 REDES SOCIAIS/ É CRIME!///
LOCAL: FÓRUM.

OFF 11: A ADVOGADA CRIMINALISTA TALLITA LINDOSO/ ENFATIZA QUE POR CONTA DAS REDES SOCIAIS/ A PUNIÇÃO PARA QUEM COMETE CRIME DE INJÚRIA/ AMEAÇA/ DIFAMAÇÃO E CALÚNIA/ PODE AUMENTAR//

EDIÇÃO: IMAGEM DE TALLITA LINDOSO.

SONORA (ENTREVISTADO) - **ADVOGADA CRIMINALISTA TALLITA**

LINDOSO. "(6:03) Se esses crimes forem cometidos na internet, eu tenho uma causa de aumento de pena, o que isso quer dizer, que essa pessoa vai responder e vai ter uma reprimenda maior. Se ela cometeu esse crime através das redes sociais, através da internet, ela vai ter uma pena aumentada porque se entende que os crimes cometidos na internet, eles se propagam de maneira mais fácil, então quanto mais fácil eles se propagam, maior é o estrago, maior é o dano causado na vida de uma pessoa, até porque a gente costuma dizer que, uma vez que a informação cai na rede, ninguém tira né? porque por mais que você peça para os provedores apaguem, sempre vai ter alguém que salvou, sempre vai ter alguém que fez um download, sempre vai ter alguém que fez um print e não temos mais o controle sobre essa informação depois que ela caiu na rede (6:49)".

OFF 12: PARA CORRER ATRÁS DOS SEUS DIREITOS/ É NECESSÁRIO ENTENDER O CONCEITO E AS DIFERENÇAS ENTRE INJÚRIA/ AMEAÇA/ DIFAMAÇÃO E CALÚNIA// A ADVOGADA/ EXPLICA COMO O CIDADÃO PODE IDENTIFICAR CADA UM PARA QUE POSSA TOMAR AS MEDIDAS CABÍVEIS///

EDIÇÃO: IMAGENS DE PESSOAS MEXENDO NO CELULAR + IMAGENS DA ADVOGADA TALLITA LINDOSO.

SONORA (ENTREVISTADO) - **ADVOGADA CRIMINALISTA TALLITA**

LINDOSO. FALANDO A DIFERENÇA ENTRE CALÚNIA, AMEAÇA, DIFAMAÇÃO, INJÚRIA E RACISMO.

"(4:09) Injúria é o xingamento. É simplesmente a pessoa te xingar, te ofender de uma forma a machucar os teus sentimentos (4:17) (4:18) Virar para alguém e falar "você é corno, você é feio, você é gordo" (4:23) (4:24) Já a difamação e a calúnia, ela está em narrar um fato contra esta pessoa, por exemplo, contar uma historinha, dizer que você no dia 25 de maio, furtou uma loja dentro do Amazonas Shopping, ou seja, eu não te xinguei, eu contei uma história com o intuito de ferir a tua imagem perante a sociedade (4:43) (4:44) E aí nós temos a diferença entre os

dois, o que é a calúnia e a difamação, é que essa história narrada, se ela for prevista em lei como crime, ela é calúnia, se for um fato que mancha a tua imagem mas não é previsto em lei como crime, ela é difamação (5:00)''

OFF 13: EM UMA MATÉRIA PUBLICADA EM JULHO DESTE ANO NO SITE DA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA/ DE ACORDO COM A POLÍCIA CIVIL/ OS CRIMES MAIS COMUNS NA INTERNET SÃO HACKEAMENTO DE DADOS/ DIVULGAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS/ AS CHAMADAS FAKE NEWS/ DIVULGAÇÃO DE MATERIAL ÍNTIMO E/ PRINCIPALMENTE CRIMES CONTRA A HONRA//

EDIÇÃO: PRINT DA MATÉRIA / A PARTIR DO MOMENTO EM QUE A REPÓRTER FALAR "HACKEAMENTO DE DADOS/ DIVULGAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS/ AS CHAMADAS FAKE NEWS/ DIVULGAÇÃO DE MATERIAL ÍNTIMO E/ PRINCIPALMENTE CRIMES CONTRA A HONRA" SUBLINHAR NA IMAGEM ESSAS FALAS.

LINK DA MATÉRIA: <http://www.ssp.am.gov.br/delegacia-interativa-registra-mais-de-16-mil-crimes-ciberneticos/>

SONORA (ENTREVISTADO) - **ADVOGADA CRIMINALISTA TALLITA**

LINDOSO. EXPLICA OS PROCEDIMENTOS CABÍVEIS QUE SERÃO TOMADOS PARA PUNIR OS INFRATORES. "(13:05)

Dependendo do tipo de crime, a forma como ele vai ser processado será diferente. Eu tenho alguns crimes que eles são de ação penal pública, o que quer dizer, que quem vai ingressar com uma ação penal será o MP e existem outros crimes que eles são de ação penal privada, o que isso quer dizer, que a vítima precisa ir atrás de uma punição para a pessoa que cometeu o crime contra ela. Então se eu tiver falando de um crime de ameaça e de um crime de racismo, a ação penal é pública, o que é a pessoa precisa fazer é informar em uma delegacia de polícia para iniciar o inquérito e esse inquérito ser enviado para o MP ou ir direto ao MP, com todas as provas que ela já tem e informar que aconteceu um crime e o MP irá iniciar essa ação penal. Se foi um crime contra a honra, como o que falamos: calúnia, injúria e difamação, a pessoa precisa procurar um advogado ou a defensoria pública e ingressar com uma queixa-crime, porque ela irá iniciar essa ação penal de maneira privada, ela que vai ter dar o início à essa ação, mas o que é preciso ficar claro, é que aqui em Manaus, nós temos uma delegacia especializada em crimes cibernéticos, para que ela funciona? para investigar, porque nem sempre você sabe quem é o autor do delito ou às vezes você desconfia de quem seja, mas você não tem como provar porque é muito corriqueiro que a pessoa não use o seu perfil verdadeiro (14:29)''.

OFF 14: PARA DENUNCIAR/ O USUÁRIO DEVE ACESSAR O SITE
DELEGACIAINTERATIVA.AM.GOV.BR///

PASSAGEM 6: ALGUNS INDIVÍDUOS/ AINDA ASSIM/ FALAM COISAS QUE
NÃO SÃO TOLERADAS NOS DIAS ATUAIS// HOJE/ AS PESSOAS SE
ENCONTRAM MAIS EMPODERADAS E TRATAM DE CORRIGIR QUAISQUER
ARGUMENTOS QUE NÃO SÃO MAIS ACEITOS/ PRINCIPALMENTE EM
RELAÇÃO ÀS MINORIAS//

LOCAL: LARGO SÃO SEBASTIÃO.

OFF 15: SEGUNDO O SOCIÓLOGO E PROFESSOR EUDES LOPES/ A
"CULTURA DO CANCELAMENTO" DEVERIA APONTAR ATITUDES ERRADAS E
NÃO EXCLUIR PESSOAS///

EDIÇÃO: IMAGENS DE EUDES LOPES.

SONORA (ENTREVISTADO) - **PROFESSOR E SOCIÓLOGO EUDES LOPES**

**FALANDO SOBRE A MANEIRA CORRETA DE AJUDAR AS PESSOAS A
COMPREENDEREM QUE CERTAS AÇÕES NÃO SÃO MAIS ACEITAS.** "(18:27)

Então, como fazer pra que esse tipo de pensamento, de certa
forma, melhor ou pare (18:37) (18:39) eu vejo que isto está
dentro da própria dinâmica da sociedade (18:47) (18:49) em
qualquer sociedade, em qualquer momento da história, vence
aqueles grupos que lutam e melhor se organizam, se posicionam
e melhor compreendem a situação (19:00)".

SONORA (ENTREVISTADA)- **PSICÓLOGO ALEXANDRE CAVALCANTE.**

"(03:14) A cultura do cancelamento reacende um alerta sobre a
saúde mental coletiva. A agressividade do compartilhamento e
a repercussão disso, denota o adoecimento de quem também
compartilha e intensifica esse tipo de conflito. Todos
deveriam se perguntar: "quantos de você existe naquilo que
você odeia?" Porque as redes sociais, elas mostram o nosso
melhor ângulo ou os nossos piores desejos (03:42)"

PASSAGEM 7: APESAR DO FORTE IMPACTO QUE A "CULTURA DO CANCELAMENTO" TEM CAUSADO NAS REDES SOCIAIS E NO MUNDO/ ELA TAMBÉM É UMA OPORTUNIDADE DE REFLEXÃO/ PARA OS ENVOLVIDOS// O QUE NÃO DEVE EXISTIR É A FALTA DE RESPEITO/ O FAMOSO "LINCHAMENTO VIRTUAL"// SEMPRE PROCURAR O DIÁLOGO/ SEM ULTRAPASSAR OS LIMITES DO BOM SENSO E DA LEI//
LOCAL: LARGO SÃO SEBASTIÃO.

OFF 16: O QUE SE ESPERA DE TODOS É UMA ATITUDE DE APRENDIZADO E NÃO DE EXCLUSÃO// SEMPRE PROCURANDO EDUCAR AQUELES QUE NÃO ENTENDEM AS MUDANÇAS QUE OCORREM NO MUNDO// LEMBRAR QUE NEM TODOS SÃO CAPAZES DE ACOMPANHAR AS EVOLUÇÕES NO COMPORTAMENTO HUMANO// USAR O ERRO COMO UMA FORMA DE LIÇÃO E MUDAR// TALVEZ/ ESSE SEJA O VERDADEIRO CONCEITO DO "CANCELAMENTO"/ APRENDER COM O ERRO///

EDIÇÃO: PESSOAS SE DIVERTINDO NA FESTA.

MÚSICA: Doja Cat - Say So (Official Instrumental)

<https://www.youtube.com/watch?v=8Q2RCzjMtjk>

ANOTAÇÕES:

1. OS OFFS DAS PASSAGENS NÃO FORAM GRAVADOS JUNTAMENTE COM AS PASSAGENS EM VÍDEO. COMO A REPÓRTER ESTÁ DE MÁSCARA/ OPTAMOS POR GRAVAR UM OFF SEPARADO E COLOCAR ELE EM CIMA DO VÍDEO PARA PARECER QUE ELA ESTÁ FALANDO.
2. CORTAR GAGUEJOS, PALAVRAS REPETIDAS OU ERRADAS DAS PASSAGENS.
3. AS ENQUETES VOCÊ COLOCA DESSE JEITO AQUI:

OBS: COLOCAR UMA COR MAIS CLARA NO FUNDO E COM ALGUMA ANIMAÇÃO DIVERTIDA.



4. AINDA FALANDO DAS ENQUETES, ELAS PRECISAM SER FEITAS DESSE JEITO:

https://www.youtube.com/watch?v=XIsnhC1HlWo&t=298s&ab_channel=CanalGNT O LINK MOSTRA O EXEMPLO.

5. COLOCAR OS CRÉDITOS FINAIS. AQUI O EXEMPLO:



6. AS MÚSICAS PARA AS CENAS ESTÃO COM OS LINKS DO YOUTUBE PARA BAIXAR E CONVERTER PARA MP3.

7. CASO AS SONORAS, PRINCIPALMENTE AS MAIORES, FICAREM MUITO LONGAS POR CONTA DA FORMA COMO A PESSOA FALA. SE PUDER CORTAR OS TEMPOS EM QUE ELAS LEVAM PARA FALAR OU SE PUDER ACELERAR UM POUQUINHO. PODE TAMBÉM. MAS ACELERAR DE UMA FORMA QUE DÊ PARA ENTENDER O QUE A PESSOA FALA.

8. EM UM DOS PRIMEIROS VÍDEOS GRAVADOS DA ENQUETE COM A MARIA ALBERTINA, TEM UM TRECHO QUE ELA SE QUESTIONA SOBRE "O QUE É A CULTURA DO CANCELAMENTO". ENTÃO, CORTE ESSA PARTE E LOGO APÓS, COLOQUE EM PRETO-E-BRANCO, ANTES DA MARIA ALBERTINA COMEÇAR A FALAR SÉRIO SOBRE O TEMA.

9. COLOCAR QUAL É A PERGUNTA NO VÍDEO DA ENQUETE. ELA PRECISA FICAR GRANDE E DESTACADA (EXCETO NA CENA PRETO-E-BRANCO DA MARIA ALBERTINA). A MÚSICA FICA BAIXA O SUFICIENTE PARA QUE POSSA ESCUTAR O ENTREVISTADO.

10. O ÁUDIO DO SOCIÓLOGO EUDES PRECISA SER LIMPO. ENTÃO, AQUI VAI O LINK PARA BAIXAR O PROGRAMA AUDACITY (<https://audacity.br.uptodown.com/windows>) E TUTORIAL PARA MELHORAR SOM (<https://www.youtube.com/watch?v=rY3xxBR43S0>).

11. OFF 5 E A PASSAGEM 4 FORAM DESCARTADAS.

12. DESFAZER O CORTE DA PASSAGEM 2, DEIXAR ELE INTEIRO.

13. SUBSTITUIR OS OFFS 8 E 9.

14. AUMENTAR O ÁUDIO DO HELDER BARROS (ENQUETE).

15. SUBSTITUIR TODAS AS PASSAGENS.

MÚSICAS UTILIZADAS

Ariana Grande – 34+35 (instrumental);

Dua Lipa, Angèle – Fever (instrumental);

Doja Cat – Say So (instrumental)

ORÇAMENTO

EQUIPAMENTO	UNIDADE	PREÇO UNITÁRIO	VALOR
iPhone SE 64GB (2020)	1	-	R\$ 2.999,90
iPhone 11 64GB	1	-	R\$ 4.699,90
Câmera Canon EOS Rebel T6i com Lente 18-55mm	1	-	R\$ 2.799,90
Tripé de Câmera Weifeng Wt-3770 até 164cm Altura em Alumínio para Foto e Vídeo	1	-	R\$ 220,00
Tripé P/ Iluminação Até 2 Metros P/ Ring Light LED	1	-	R\$ 59,99
Kit Iluminação Estúdio Softbox E27 60x60cm Com Tripé	2	R\$ 269,90	R\$ 539,82

Microfone Lapela Boya By-M1	2	R\$ 165,89	R\$ 331,78
Anel de Luz LED com Tripé, 26 cm	1	-	R\$ 117,90
Iluminador LED para câmeras fotográficas 180 LEDS TL-180S	1	-	R\$343,70
Smartphone Samsung Galaxy A51	1	-	R\$1.679,00
Smartphone Samsung Galaxy A10	1	-	R\$ 872,00
Notebook Asus Vivobook 15	1	-	R\$ 4.084,05
HD Externo Adata 1TB	1	-	R\$439,00
			TOTAL
			R\$ 19.068,50

MEMORIAL DESCRITIVO

EDUARDA VITÓRIA MORAES DE SOUZA

A elaboração do trabalho teve início na escolha do tema, cuja relevância para a sociedade fosse levada através do material audiovisual. A internet é o maior meio de comunicação da atualidade e, por consequência, precisa ter algumas causas e consequências analisadas enquanto ambiente de conexões. A análise teve seu ponto de partida a partir da busca de histórias/personagens e levantamento de dados.

A colaboração para a parte escrita foi de responsabilidade de todos. Bem como busca por dados e personagens que pudessem agregar ao tema escolhido. O desenvolvimento do produto teve a interferência da pandemia de COVID-19, que atrasou alguns processos, mas a comunicação foi feita através de meios remotos, tais como WhatsApp e e-mail.

A minha função no produto em si, foi a de repórter, como também pesquisas bibliográficas. Tivemos algumas dificuldades para fechar algumas entrevistas, devido à delicadeza do tema e/ou por tempo do entrevistado. Realizei as entrevistas e ouvi cada história para que pudessemos mostrar o olhar de cada entrevistado por trás do tema (algumas de forma remota) a fim de seguir o roteiro pensado por nós ao longo do processo. Foi um trabalho de sensibilidade e constante conhecimento, a cordialidade do trabalho em equipe foi essencial ao longo do desenvolvimento e de alguns obstáculos.

NESTOR TEIXEIRA DO NASCIMENTO JUNIOR

Na primeira aula sobre a criação e o desenvolvimento do TCC, logo pensei no que eu queria que era uma grande reportagem em vídeo e ao sentar-se com meus colegas Tiago Gomes e Eduarda Vitória, fechamos uma ideia do tema e logo apresentamos para a professora Leila Ronize. Após a aprovação da mesma, buscamos de imediato a orientação de livros que pudessemos usar como citação. Falamos com professores da área e fizemos uma lista do que iríamos usar.

Foram dias escrevendo cada tópico do TCC até concluirmos toda a ideia que queríamos apresentar. E assim, buscamos separar as entrevistas, quem seriam os entrevistados, como faríamos, locais para cenários, tudo para completar a matéria. Foi um pouco difícil no começo, mas devido a pressão para a entrega e a necessidade de cumprir o trabalho. Conseguimos tudo o que planejamos. E assim, esperamos apresentar um bom trabalho e abrir uma discussão entre as pessoas sobre o papel delas na chamada ‘era do cancelamento’.

TIAGO GOMES DE SOUZA

Sobre o TCC, fomos inicialmente levados a pensar em um tema de relevância, que possamos nos identificar em diversos aspectos e ainda assim, que pudesse capturar aquele telespectador que verá esta grande reportagem em vídeo. Estabelecemos que, com a força das redes sociais e o seu número de usuários crescendo, a chamada “cultura do cancelamento” está evoluindo, de uma forma em que os indivíduos estavam ignorando as consequências que aquilo poderia acarretar às pessoas. O ambiente em que observamos mais este cancelamento é o espaço cibernético, logo, foi fácil para nós identificarmos o local desta nova era.

Após o tema e a sua delimitação, tratamos de separar as nossas respectivas funções no trabalho, já que, teríamos grandes obstáculos pela frente e queríamos deixar uma parte das gravações prontas para a edição. Contudo, ninguém contou que uma pandemia fosse inviabilizar este trabalho, por isto, ficamos meses em casa, decidindo o que poderíamos mudar na nossa abordagem e como seria as “novas” gravações a partir de agora.

A função que fui encarregado, produtor da reportagem, foi extremamente trabalhosa, pois, diversos *digitais influencers* ou até mesmo, celebridades não quiseram conceder entrevistas, por causa do tema ou pela a sua agenda, somente em outubro que conseguimos as pessoas necessárias para fazer este trabalho funcional. Eu enviei e-mail até para o autor Aguinaldo Silva, contudo, não tive nenhuma resposta.

Apesar do trabalho ter sido difícil e sobre o novo contexto em que estamos, a utilização de máscara é quase impossível, principalmente ao falar, conseguimos fazer as gravações com maestria, mesmo com momentos de raiva e angústia sobre a entrega, ainda assim, o desenvolvimento foi perfeito. Não escolheria duas outras pessoas para fazer este projeto pois a química entre nós foi perfeita e assim, alcançamos o objetivo e a hipótese principal do TCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mídias digitais foram criadas como uma forma de conectar as pessoas e assim, um ambiente seguro e linear para a troca de informação. O que observamos atualmente é a utilização dessa ideia de forma errônea, pois esse ambiente virtual que deveria ser, em tese, feito para proteger o usuário, é usado para propagar mais discursos de ódio e criar uma subcategoria da violência: a virtual.

O linchamento, os ataques de ódio, os comentários negativos são empregados de maneira errada na era do cancelamento. Existem indivíduos da sociedade que aprendem com os seus erros e procuram melhorar, como é o caso da cantora Marília Mendonça e o comentário transfóbico que causou uma mudança na postura da intérprete, fazendo com que abrisse mão de tempo em sua live para comentar sobre o preconceito contra a comunidade trans.

Algumas pessoas não entendem suas falhas e por isso, não se desculpam por quaisquer comentários contra as minorias, mas, sabendo que pessoas podem mudar com os seus defeitos, por que continuamos a criticá-las? A princípio sobre o que sabemos da cultura do cancelamento, ela não escolhe classe social, raça, religião ou sexualidade para ser posto em prática e a crítica é bem-vinda, desde que possua argumentos para se sustentar, mas será mesmo que a exclusão é o melhor modo de ensinar alguém?

No meio cibernético, os usuários costumam atacar pessoas com perfis falsos e desde o advento das *fake news*, isso tem se tornado mais forte porque qualquer matéria falsa e criada por terceiros é utilizada para cancelar, ignorar ou excluir uma pessoa. Isso acontece com muitos famosos como a cantora Anitta, que teve que ir no seu Instagram e falar sobre as notícias falsas sobre a sua religião. Podemos concluir que qualquer pessoa está suscetível a sofrer com as *fake news* e com os comentários falando mal da sua *persona*. Às vezes, não gostamos de uma celebridade por não gostarmos de seu trabalho e isso resulta que acreditemos em quaisquer notícia que surja.

O cancelamento resulta das matérias falsas e conseqüentemente, da sua propagação. Na maioria dos casos, os indivíduos que não sabem o real acontecimento. A notícia pode transmitir que determinada artista odeia feminismo por exemplo, mas não foi isso que aconteceu, trazendo realmente um mal-estar para os fãs dessa celebridade, pois, eles cobraram posicionamento, criticaram e atacaram essa cidadã, além de trazer prints que comprovam o seu pensamento errado. Então nisto é necessário fazer vídeos explicando a real situação do seu pensamento. Um caso bastante curioso aconteceu na Coréia com a integrante do grupo TWICE, TZUYU.

Ela, tailandesa, foi interpretada de maneira errada por simplesmente exaltar sua nacionalidade com uma simples bandeira. Ela foi vista por parte da China como ativista separatista de Taiwan, além do público chinês acreditar que ela queria lucrar com os fãs desse país. Para um breve contexto, Taiwan quer se cortar laços definitivamente com a China e ser um estado independente, mas o governo chinês não acata essa solicitação. Em resumo, TZUYU, visivelmente abalada com os comentários que estava recebendo, teve que gravar um vídeo pedindo desculpas à população chinesa.

Para os autores mencionados neste TCC, a cultura do cancelamento é vista como a “sociedade do controle” e que as mídias digitais conseguem ser o foco principal dessa situação. Talvez Luís Mauro Sá Martino tenha sido mais conciso no que queríamos dizer ao longo da fundamentação teórica, pois ele conseguiu manter um pensamento sobre a utilização das redes sociais: que o problema são os seus usuários que operam de maneira equivocada os seus respectivos perfis.

Atualmente, a cultura do cancelamento é vista como um meio de agregar a vida dos usuários que estão inseridos no espaço cibernético, possuindo o poder de julgar as pessoas em um ambiente virtual e assim, criam um novo movimento separatista. As redes sociais podem ser observadas como os campos de batalha, pois, é neste universo em que o cancelamento será travado, além de que, prints, áudios e etc poderão ser utilizados como provas do comportamento errado deste indivíduo.

O jornalismo tem um certo papel na cultura do cancelamento: disseminação de notícias. Quando matérias são postadas nas mídias digitais sobre uma celebridade ou instituição - dependendo do seu teor - cabe debater o que ela vai significar na cabeça do usuário: aquilo equivale a um cancelamento ou não. Dependendo de como a notícia será veiculada, os “juízes da internet” deverão observar seu grau de importância e relevância.

Os indivíduos que obtiveram destaque em suas citações neste TCC possuem a mesma ideia de alguns usuários: que cancelar o indivíduo causa uma ruptura na sociedade, pois excluir e ignorá-la do seu círculo social é originar problemas psicológicos e sociais, além de trazer outras consequências péssimas a este indivíduo, e nisto, as redes sociais possuem sua culpa, porque, elas que propagam comentários de ódio irracional e sem motivação.

Durante o processo de colher informações - seja de quem se expõe na internet de alguma forma, ou daqueles que utilizam do ciberespaço para se distrair, comentar e/ou se relacionar - constatou-se que o desafio do relacionamento nas redes está na aceitação da opinião contrária, o que desencadeia nos julgamentos e comentários negativos sobre algo ou alguém. O ciberespaço está repleto de acontecimentos instantâneos, consequentemente de julgamentos sobre os mesmos.

Verificou-se que todos os entrevistados concordam que o problema central está na falta de diálogo nas mídias sociais. Ao mesmo tempo que se tem liberdade para se falar o que quer, não se dá direito de resposta à quem não faz parte da mesma bolha (mesmo este sendo o que sofre o ataque).

A referida pesquisa nos proporcionou a experiência de conhecimento sobre o relacionamento estabelecido no maior e revolucionário meio de comunicação: a internet. Desde as pesquisas bibliográficas a entrevistas com profissionais e o público em geral. O que não contraria nossa hipótese inicial de que a rapidez dos processos tecnológicos originam a falta de interesse na busca pela reflexão e, portanto, resulta no desinteresse pela busca do saber mais aprofundado

sobre qualquer tema rotineiro - o que o leva a opinar sobre tudo e todos nas redes
- sem pensar nas consequências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ranyelle. *Cultura do cancelamento expõe intolerância desta geração*. Metrópoles, 2020. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/cultura-do-cancelamento-expoe-intolerancia-desta-geracao>>. Acesso em: 9 de maio de 2020.

ASSUNÇÃO, Luis Fernando. *O processo investigativo do jornalista Nilson Mariano*. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul.

BARBEIRO, Heródoto; **LIMA**, Paulo Rodolfo de. *Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BEZERRA, Juliana. *Racismo*. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/racismo/?fbclid=IwAR2rFGRY-JuFoJSVcTRdWFy_w6kpZJhe1_OfbMSP0yIsP1mZ8cQNKaX5xMk>. Acesso em: 9 de maio de 2020.

CARVALHO, Alexandre; **DIAMANTE**, Fábio; **BRUNIERA**, Thiago; **UTSCH**, Sérgio. *Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar*. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, Rogério da. *Sociedade do Controle*. São Paulo em Perspectiva, 2004. Disponível em: <http://www.observatoriodeseguranca.org/files/v18n1_18.pdf>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo, 2. ed: Contexto, 2013.

DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Projeto Periferia, 2003.

DELEUZE, Gilles. *A Sociedade de Controle*. Rio de Janeiro, ed. 34, 1992.

FERREIRA, Maria Helena; **SODRÉ**, Muniz. *Técnica de Reportagem: Notas Sobre a Narrativa Jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FORTES, Leandro. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo: Contexto, 2005.

GARCIA, Diego. *Cancelamento não é boa forma de apontar erros: como afeta a saúde mental*. UOL, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/21/cancelamento-nao-e-boa-forma-de-apontar-erros-como-afeta-a-saude-mental.html>>. Acesso em: 9 de maio de 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, ed. 11: DP&A, 2006.

HUNTER, Lee Hunter. *A investigação a partir de histórias: Um manual para jornalistas investigativos*. França: UNESCO, 2013.

IZEL, Adriana. *Artigo: A cultura do cancelamento*. Correio Braziliense, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/03/17/internas_opiniao,834742/artigo-a-cultura-do-cancelamento.shtml>. Acesso em: 9 de maio de 2020.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Santa Catarina: Record, 2001.

MAGRANI, Eduardo. *Entre dados e robôs: ética e privacidade na era da hiperconectividade*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MARTINO, Luís Mauro Sá; **MARQUES**, Ângela Cristina Salgueiro. *Ética, mídia e comunicação: Relações sociais em um mundo conectado*. São Paulo: Summus, 2018.

NEVES, Flora. *Telejornalismo e Poder nas eleições presidenciais*. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

PORFÍRIO, Francisco. *Racismo. Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/racismo.html>>. Acesso em: 9 de maio de 2020.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial*. São Paulo, 2. ed: Summus Editorial, 2000.

SANTOS, Valmaria Lemos da Costa; **SANTOS**, José Erimar dos. *As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas*. Holos, 2014. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1936>>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. *Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

STANGE, Paula. *Cultura do cancelamento: precisamos mesmo cancelar as pessoas?*. A Gazeta, 2020. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/cultura-do-cancelamento-expoe-intolerancia-desta-geracao>>. Acesso em: 9 de maio de 2020.